



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GENERO E DIVERSIDADE

IZAIRA DE ARAÚJO BRAGA

FEMINISMO E A MULHER CRISTÃ
Narrativas de protagonismo feminino em personagens bíblicas

Salvador, BA

2024

IZAIRA DE ARAÚJO BRAGA

FEMINISMO E A MULHER CRISTÃ

Narrativas de protagonismo feminino em personagens bíblicas

Monografia apresentada ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharela em Estudos de Gênero e Diversidade.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Darlane Silva Vieira Andrade

Salvador, BA

2024

BRAGA, Izaíra. **Feminismo e a mulher cristã**. Narrativas de protagonismo feminino em personagens bíblicas. Orientadora: Darlane Andrade, 2024. 86f. Monografia (Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade), Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

Esta construção apresenta uma análise sobre algumas mulheres presentes na cultura cristã, Debora, Jael, as parteiras do Egito e Maria Madalena, bem como de algumas outras passagens, usando como objeto de pesquisa a leitura Bíblica, escritura como base desta fé, analisada a partir de uma leitura da Teologia Feminista, buscando apresentar interpretações sem um olhar sexista para com as mulheres presentes neste livro. Sabendo que a Teologia Feminista pode ser desenvolvida em diferentes religiões, esse trabalho tem o intuito de afirmar que é possível existir representações femininas dentro da esfera religiosa que se mostrem fora dos padrões convencionais de mulher, ainda que historicamente essa vertente religiosa carregue o estigma cultura e social machista, escravista e dominadora. Apresenta também a importância das mulheres cristãs na luta feminista, especialmente as “Quakers” e a proposta da teologia feminista. Através da metodologia qualitativa, com uso de elementos da análise do discurso, trago interpretações bíblicas que afirmam que Deus não faz discriminação com base em características biológicas como sexo, o questionamento pela proibição da ordenança de mulheres nas igrejas, a perpetuação da dominação do homem no casamento, o reconhecimento de habilidades espirituais e morais em igualdade e a busca por um sagrado e divino também feminino, porém acreditando que o mesmo transcenda ao gênero.

Palavras-chave: Mulheres. Teologia Feminista. Religião. Relações de gênero. Política.

BRAGA, Izaíra. **Feminism and the cristian women.** Narratives of female protagonism in characters from the Bible. Advisor: Darlane Andrade. 2024. 86f. Monography (Degree on Studies on Gender and Diversity). Department of Gender and Feminism Studies. Federal University of Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

This construction presents an analysis of some women present in the Christian Culture, Debora, Jael, the shepheress from Egypt and Maria Madalena as well as some other passages, used the biblical reading as a research object, scripted as the basis of this faith, analyzed from a reading on Feminist Theology, with the intent of deciphering non-sexist interpretive models that portray women in this book. Knowing that Feminist Theology can be developed in different religions, this work aims to affirm the possibility of evolution and female representations that are outside the conventional standards of women, with greater participation in this religious and political, even though historically this religious aspect carry the sexist, slavery and dominating social and cultural stigma. This study also presents the importance of the Christian women in the feminist moviment, specially the “Quakers” and the proposal of the Feminist Theology. Through a qualitative methodology using aspects of discursive analysis, I bring biblical interpretations that claim that God does not discriminate based on biological characteristics such as gender, the questioning of the veto of the non-ordination of women, the male domination of men in marriage, the recognition of spiritual and moral abilities in equality and the search for a sacred and divine also feminine, but believing that it transcends gender.

Keywords: Women. Feminist Theology. Religion. Gender Relations .Politic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. CAPITULO 1: GÊNERO E SUAS REPRESENTAÇÕES.....	11
2.1. RELAÇÕES DE GÊNERO	17
2.2. TECNOLOGIAS DE GÊNERO	19
2.3. DISPOSITIVOS DE GÊNERO	20
3. CAPITULO 2: TEOLOGIA FEMINISTA.....	24
3.1. ALGUNS NOMES DA TEOLOGIA FEMINISTA	26
3.2. O MOVIMENTO TEMPERANÇA E CARRY AMELIA NATION.....	29
3.3. PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO E A FÉ CRISTÃ: OS <i>QUAKERS</i>	30
4. CAPITULO 3: ANÁLISES DE PASSAGENS DA BÍBLIA E SUAS MULHERES	33
4.1. MACHISMO ESTRUTURAL RELIGIOSO	33
4.2. CORPO E CULPA.....	43
4.3. O PECADO ORIGINAL	46
4.4.A CRIAÇÃO.....	48
4.5.DEUS PAI, DEUS MÃE	49
4.6. MULHERES NA BÍBLIA.....	51
4.6.1. Maria Madalena.....	51
4.6.2. As Parteiras do Egito.....	55
4.6.3. Debora e Jael	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERENCIAS	65

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como proposta apresentar uma perspectiva possível de interação entre política e fé, sendo o foco do conteúdo desse trabalho demonstrar a importância da figura feminina dentro da base cristã, denunciar que a religiosidade difunde a inversão dessa totalidade, afirmar que a religiosidade é um dos fios condutores para a manutenção da inferiorização feminina social, permitir que a mulher cristã tenha legalidade para se compreender como possível sujeito ativo dentro da esfera religiosa e também nas esferas políticas sociais e afirmar que esse posicionamento lhe é de direito e não fere a sua espiritualidade. O trabalho desenvolvido tem como objetivo desvendar na Bíblia, a existência de diferentes personagens femininos que são apresentados como mulheres de determinação, força, coragem e empoderamento. Representando, assim, um processo de conscientização feminina pessoal e de outras mulheres na conquista sobre os seus direitos sociais e civis.

Sabendo que esses relatos são envolvidos sobre uma pressão cultural extremamente perversa, enquanto pesquisadora dos estudos de gênero, levanto o seguinte questionamento: *Como se torna possível a Bíblia relatar a presença de mulheres que fogem do estereótipo feminino débil ao mostrar a existência de força para essa e, ao mesmo tempo perceber, ainda na atualidade, a alimentação da ideia da perpetuação das mulheres que seguem essa fé como sendo figuras desprovidas de auto domínio?*

O estudo buscou também apresentar um panorama da participação de mulheres cristãs no próprio tema do feminismo em busca de igualdade de gênero e conquista de direitos, e fazer também uma leitura de como o machismo opera nas construções de gênero na Bíblia e na igreja. Parto do princípio de que dentro do contexto da fé cristã, a Bíblia é um livro sagrado, do qual existem relatos de diversos homens que viveram experiências espirituais com Deus e que por meio desses relatos puderam contribuir na mudança pessoal na vida de várias outras pessoas que assim como eles confiaram no poder da existência de Deus. Logo, esses homens muitas vezes são vistos pelo senso comum das pessoas que seguem essa fé, como exemplos a serem seguidos.

Considero que seja possível através da leitura de suas histórias fazer uma reflexão crítica acerca das adversidades que todos nós somos propícios a passar, e analisar parte do material escrito que mostra a intervenção Divina na vida de homens e mulheres o que serve como fortalecimento da fé cristã, e assim, a Bíblia apresenta-se como um guia de como

proceder em diferentes situações, se mostrando uma importante tecnologia de gênero na nossa cultura.

O desenho metodológico apresenta os caminhos que uma pesquisa segue para a sua realização. Este estudo tem caráter qualitativo. A metodologia qualitativa tem recebido muito destaque nestes últimos tempos e seu foco é tratar sobre manifestações culturais e sociais ou de um grupo social específico. Os enquadramentos teóricos se desenvolvem de forma mais rápida que os métodos intervenção e de análise que tem estabilizado em torno do tradicionalismo, como por exemplo questionários e entrevistas que assim como a pesquisa quantitativa tende a dar-se em uma estrutura previsível. Portanto, considero necessário indicar quais foram as estratégias tomadas dentro da lógica da metodologia adotada. Escolhi usar elementos da análise do discurso como método desta pesquisa. Análise do discurso e os métodos qualitativos são, segundo Teresa Haguette (1995), métodos ou técnicas não estruturadas, desenvolvendo observações e pesquisas de histórias, podendo seguir certos tipos de informações que dificilmente são obtidas por métodos quantitativos.

Segundo Isabel Guerra (2003) a relação entre teoria e experiências de vida são indispensáveis, neste caso, o trabalho científico pode ser visto quando o existe uma ligação entre o empírico e a teoria, tornando possível um diálogo entre as partes. A análise do discurso possibilita-nos em demarcar o contexto histórico e social dentro do contexto bíblico cujo foco são as mulheres que viviam em uma cultura social e religiosa extremamente machista e conservadora.

Então, conforme Foucault (1996, p. 8-9), “a produção de uma análise é controlada, selecionada, organizada, redistribuída, visando dominar uma materialidade e conspirar poderes e perigos”. Por isso, a forte crítica que o autor atribui ao discurso verdadeiro e às sobreposições entre o discurso e as relações de poder. Em “A Arqueologia do Saber”, Foucault (1986) visa a construir, para além de uma teoria, mas também um método didático, que objetiva a compreensão sobre o funcionamento dos discursos referente as ciências humanas.

Análise de discurso pode ser um método relevante para realizar trabalhos que envolvam percepções, relações e processos, pois tem a capacidade de revelar as entrelinhas que levaram à produção da prática discursiva e ainda ensejar debates sobre a influência desse discurso dentro do ambiente social. Tudo isso, compreendendo discurso não como uma simples retórica, mas, sim, enquanto uma linguagem construída a partir de certas regras e interesses que podem ser compreendidos. Dessa forma, esse estudo tem como foco ressaltar a relevância de incorporar esse método de análise de maneira mais incisiva aos Estudos de

Gênero e Diversidade, e da mesma forma aos estudos Teológicos, especialmente por ser um espaço completamente permeado pela prática discursiva.

O estudo foi desenvolvido em duas etapas: revisão de literatura e análise das personagens escolhidas da Bíblia. Dentro deste processo metodológico ressalto a revisão bibliográfica como o ponto de partida inicial para a investigação da construção do texto. Esta revisão fez o uso de documentos acadêmicos outrora estudados em sala de aula ao decorrer do Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade, leituras extra curriculares, voltadas a temática, participação de congressos, palestras, seminários e reuniões religiosas da fé cristã, as quais participo e principalmente os conceitos de gênero eleitos para fundamentar o estudo: a noção de Tecnologias do Gênero, de Teresa de Lauretis, o conceito de gênero a partir da perspectiva de Joan Scott e a noção de dispositivos de gênero para olhar os dispositivos Amoroso e Materno que perpassam as construções subjetivas e representações das mulheres na nossa cultura ocidental, como discute Valeska Zanello. Também me debrucei sobre os estudos e leituras sobre a Teologia Feminista e a pesquisa sobre essas Teólogas.

Nesse caminho para a escolha das perguntas, os objetivos e os campos mais apropriados para desenvolver um estudo na área de Gênero e Diversidade, fazendo-se necessário conhecer o meu campo de interesse. Simultaneamente ao trabalho de leitura e da pesquisa realizada, pude conhecer diferentes projetos realizados com temáticas que se entrelaçam com a minha proposta através deste.

Sentindo que, por se tratar de uma linha de estudo das temáticas feministas da qual existe um forte dinamismo, apenas teorizar o feminismo ou a religião não traria para a construção um desenho de análise do discurso e para as perguntas sobre da investigação, mas formulando a possibilidade da união entre a ciência e a fé tornou-se possível formular essa pesquisa ao idealizar quais seriam as metodologias mais adequadas para o trabalho analítico. Assim, na segunda etapa escolhi as seguintes personagens da Bíblia para analisar suas histórias e posicionamentos: Débora e Jael, e faço também uma breve reflexão sobre as parteiras do Egito e sobre Maria Madalena. Embora todas essas estivessem dentro de um contexto histórico patriarcal e extremamente machista, suas histórias mostram que foram mulheres com comportamentos de liberdade e determinação, trazendo representações importantes, não limitando-se a demarcação de “lugar” que a cultura impõe ao seu gênero. Porém, afirmo que na Bíblia é mais presente a existência de relatos de mulheres que viveram tragédias, explorações e injustiças, confirmando então que essas mulheres citadas, dentre outras, tiveram um posicionamento de coragem em frente a realidade comportamental da cultura em que viviam. O critério utilizado na escolha dessas personagens vem de encontro as

temáticas estudadas no Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade, mostrando a presença de assuntos como Sororidade, Empoderamento, Relações de poder voltado a questões das diferenças de classes sociais e escravidão.

Em uma leitura bíblica predisposta a buscar nomes de figuras femininas que pelo senso comum não são tão “importantes” por nunca serem citadas torna-se possível demarcar personagens que desempenharam papéis que fogem da compreensão débil que é imposta ao gênero feminino, como a figura da Virgem Maria, a mãe de Jesus, que para muitos é simplificada como uma mulher virgem que deu a luz ao filho de Deus, sem levar em consideração toda a análise possível de ser feita sobre esse personagem, uma jovem que estava sob uma cultura extremamente violenta acerca da virgindade, onde mulheres poderiam ser apedrejadas vivas caso tivessem relação sexual antes ou fora do casamento, uma jovem que foi abandonada por seu companheiro pela “vergonha” de estar grávida antes do matrimônio, porém ainda assim se manteve corajosa mesmo com todas as adversidades que lhe cercavam, foi através da coragem e ousadia de Maria que Jesus deu o primeiro passo para o projeto de vida missionaria, parte dessa mulher e da sua influência a inspiração da subversão do próprio Cristo enquanto humano.

Coragem torna-se a palavra de ordem dessa personagem, que foge dos costumes instaurados do seu tempo, personificando a figura de mãe e também discípula de Jesus.

Maria atravessa de forma firme todos os perigos quem envolvem a maternidade e ainda o faz sendo perseguida pelo Estado como é relatado no livro de Mateus 2:13:

Depois que os magos partiram, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José e lhe disse: “Levanta-te, pega o menino e sua mãe e foge para o Egito! Fica lá até que eu te avise! Porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. José levantou-se de noite, pegou o menino e sua mãe, e partiu para o Egito. Ali ficou até a morte de Herodes, para se cumprir o que o Senhor havia dito pelo profeta: “Do Egito chamei o meu Filho”. Quando Herodes percebeu que os magos o haviam enganado, ficou muito furioso. Mandou matar todos os meninos de Belém e de todo o território vizinho, de dois anos para baixo, exatamente conforme o tempo indicado pelos magos. Então se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias: “Ouviu-se um grito em Ramá, choro e grande lamento: é Raquel que chora seus filhos, e não quer ser consolada, porque eles não existem mais.”

Maria também foi responsável pelo incentivo do primeiro milagre realizado por Jesus como é relatado em João 2:1-11

Dois dias depois, houve um casamento no povoado de Caná, na região da Galileia, e a mãe de Jesus estava ali. Jesus e os seus discípulos também tinham sido convidados para o casamento. Quando acabou o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: — O vinho acabou. Jesus respondeu: — Ainda não chegou a minha hora. Então ela disse aos empregados: — Façam o que ele mandar. Ali perto estavam seis potes de pedra; em cada um cabiam entre oitenta e cento e vinte litros de água. Os judeus usavam a água que guardavam nesses potes nas suas cerimônias de purificação. Jesus disse aos empregados: — Enchem de água estes potes. E eles os encheram até a boca. Em seguida Jesus mandou: — Agora tirem um pouco da água destes potes e levem ao dirigente da festa. E eles levaram. Então o dirigente da festa provou a água, e a água tinha virado vinho. Ele não sabia de onde tinha vindo aquele vinho, mas os empregados sabiam. Por isso ele chamou o noivo e disse: — Todos costumam servir primeiro o vinho bom e, depois que os convidados já beberam muito, servem o vinho comum. Mas você guardou até agora o melhor vinho. Jesus fez esse seu primeiro milagre em Caná da Galileia. Assim ele revelou a sua natureza divina, e os seus discípulos creram nele.

E é com essa coragem que Maria acompanha Jesus até a cruz, a coragem lhe faz acolhe as discípulas e discípulos como suas e seus filhos e que juntamente a esses perpetuam a notícia da ressurreição de Cristo. Outros nomes como Maria Madalena, Debora e Jael, as parceiras do Egito, Sara e Agar, Rute e Noemi, Raabe, Ester, Priscila, Dorcas, a escrava de Naamã, desempenharam papéis de possíveis análises extremamente interessantes visto a época em que viviam. Além de Maria, outro nome bastante comum na cultura cristã é Hadassah, que foi uma menina judia que se tornou a rainha da Pérsia antiga, que ao alcançar seu objetivo teve seu nome mudado para Ester, porém nesse trabalho trago uma analisar maior sobre a história das personagens Debora e Jael que embora tenham uma história que representa força, independência e dominação, ambas não possuem visibilidade. Caso existisse necessidade de delimitar um perfil específico o resultado da pesquisa seria comprometido, por não existir uma gama de diversidade satisfatória para análise.

Também é necessário salientar que as passagens apresentam narrativas em tempos diferentes assim como localidades, portanto percebo que embora a pesquisa mostre perfis que são diferentes como por exemplo: crianças, jovens e idosas. Foi utilizado o termo jovem pretendendo representar um demonstrativo etário e não um conceito de ingenuidade ou falta de amadurecimento, sabendo que no contexto da antiguidade da qual a bíblia esta inserida as mulheres estavam restritas a vida pública restringindo-se a vida privada e na maior parte das famílias essas meninas desde muito cedo eram preparadas para o casamento, isso quando

essas faziam parte de uma realidade social mais favorável, sendo que outras meninas vivenciavam o contexto de escravização, assim então concluindo a linha de raciocínio iniciada, esses exemplos mostram que o termo jovem trata-se de fato de um demonstrativo etário haja vista que as mesmas encontravam-se em uma realidade de amadurecimento precoce forçado.

A análise do material recolhido foi feita à luz da representação narrada na escrita dos textos bíblicos, e essa análise está ligada ao campo do discurso dessas histórias que passaram por processos complexos de escrita e de tradução ao longo de séculos. Deste modo observei as questões levantadas e o que poderia ser respondido, ou não, através da pesquisa.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire defende que a análise de uma situação verifica-se exatamente o movimento do pensar.

Este movimento de ida e volta, do abstrato ao concreto, que se dá na análise de uma situação codificada, se bem feita a descodificação, conduz a superação da abstração com a percepção crítica do concreto, já agora não mais realidade espessa a pouca vislumbrada. (FREIRE, 2006, p.113)

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro apresenta a categoria gênero, e as demais relacionadas a esta que elegi para ler o material analisado: tecnologias de gênero e dispositivos de gênero. O segundo capítulo apresenta a teologia feminista e as mulheres cristãs protagonistas da luta feminista. O terceiro capítulo traz dados das análises das mulheres na Bíblia escolhidas para este estudo. As considerações finais retomam as reflexões do trabalho e a importância do tema para os Estudos de Gênero e Diversidade.

2. CAPÍTULO 1: GÊNERO E SUAS REPRESENTAÇÕES

O poder historicamente sempre esteve sobre posse dos homens. No Século 20 o movimento feminista impulsionou questionamentos sobre as desigualdades e a relação de poder dos homens sobre as mulheres dentro da sociedade ocidental. As relações entre os sexos foram problematizadas em suas estruturas pelas mulheres que rejeitavam a solidificação conceitual de superioridade e inferioridade, nós mulheres sempre ocupamos diversos espaços em diferentes sociedades e culturas ao longo da história assim como os espaços públicos, mas não éramos valorizadas nem nestes espaços nem tão pouco legitimadas para estarmos neles.

O movimento de resistência das mulheres possibilitou resultados satisfatórios para a atualidade, como a inserção feminina em âmbito educacional, político, social e trabalhista, a liberdade de escolha sobre métodos contraceptivos e sexuais, mas existem paradigmas estruturais na esfera socioeconômica que petrificam as relações simbólicas entre os homens e as mulheres difíceis de serem modificados, como por exemplo a ideia da maternidade e o amor materno como um dom inato da mulher e não algo que é adquirido, o matrimônio como uma vocação feminina e o fracasso caso esse não seja alcançado.

As diferenças entre os sexos podem ser vistas como físicas e psíquicas que corroboram para a discriminação logo a desigualdade dos sexos, onde o feminino carrega um estigma de inferioridade e subordinação, apesar das muitas conquistas por direitos adquiridas em todos esses anos.

As estruturas de poder tendem a passar por uma desconstrução, possibilitando mudanças e desenvolvendo um alinhamento entre homens e mulheres nos mesmos patamares socioculturais, políticos e econômicos. Hoje em dia, a expectativa do protagonismo feminino social e político vem possibilitar que mulheres ocupem lugares outrora permitidos exclusivamente a supremacia masculina, onde embora existissem mulheres que historicamente contribuíram com muitas conquistas, mas que por serem mulheres foram invisibilizadas.

Nós mulheres estamos mais propensas a fatores de baixa colocação no mercado de trabalho, violência, problemas étnicos, pobreza e embora saibamos que conquistamos o direito de ocupar diversos espaços sociais, incluindo a educação. Contudo, sofremos ainda desigualdade de gênero. A inserção das mulheres na universidade e na conclusão dos seus cursos tem crescido cada vez mais, não excluindo as responsabilidades nos espaços domésticos durante a gestação e na criação dos filhos, o que costumamos chamar de dupla ou tripla jornada. Saliento também a presença de mulheres mais velhas com filhos já grandes sendo inseridas nos espaços acadêmicos. No final do século 19 e início do século 20, onde dar-se a primeira onda do feminismo, as mulheres (burguesas) lutaram pelo direito a inserção no mercado de trabalho, o direito ao voto, à educação e participação política. Embora esse espaço tenha sido alcançado, os homens não acompanharam as mudanças e as mulheres sobrecarregaram-se devido a sua dupla jornada de trabalho, já que para os homens essas duas esferas sociais, público (trabalho formal) e privado (trabalho doméstico), era separado. Assim, essas funções domésticas permanecem sob a responsabilidade das mulheres, não havendo uma distribuição das tarefas da casa e na responsabilidade de criação dos filhos em muitos lares.

Concordo com a importância e a necessidade da primeira onda porém afirmo ser crucial salientar que as primeiras discussões validadas como do movimento feminista não faziam recorte racial, portanto contemplando somente as mulheres brancas. O movimento negro em seus debates raciais faz referência da clássica frase de 1851, “E eu não sou uma mulher?” de Sojourner Truth, que foi uma abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres que nasceu em um cativeiro em Swartekill, Nova York. Seu discurso, inspirou o primeiro livro da feminista negra Bell Hooks, publicado em 1981, em um trecho Truth dizia:

“Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir em uma carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir em carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! [...] Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?”

As mulheres negras não tinham representação pelo movimento que buscava equipar direitos civis entre homens brancos e mulheres brancas, enquanto as mulheres negras carregavam o peso da escravidão. Portanto, a subordinação da mulher negra não se limitava apenas a figura masculina, pois a mulher negra estava também em posição servil perante a mulher branca. Com isso, compreendo a importância da luta do feminismo ser plural, pois é através do pluralismo que pode ser pensada a diversidade das mulheres, seja em raça, classe, crença e outros marcadores sociais que falam dos lugares que as mulheres ocupam e suas identidades. Esta pluralidade tem sido contemplada nos feminismos ditos de segunda e ditos de terceiras ondas, projetado pelas mulheres negras e também movimento LGBT.

Ao tratar sobre feminismo Heleieth Saffioti (2015) diz que é necessário demarcar os três eixos estruturantes sociais que são gênero, raça e classe, sabendo que há uma relação de influência entre patriarcado, racismo e capitalismo, uma ligação em que estas três estruturas de dominação e exploração se tornam potentes e que mutuamente adquirem benefícios. Estas estruturas tiveram origem em diferentes momentos da história e suas características são específicas. Sendo a estrutura do patriarcado o mais antigo, logo em seguida percebe-se o

racismo, e pôr fim a estrutura do capitalismo onde os três se fundem de maneira profunda, como disse Saffioti (2015), formam um “nó”.

“Não há de um lado dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista, não existe um processo de dominação separado de outro de exploração” (SAFFIOTI, 2015, p. 138)

Logo, falar sobre as diferentes ondas do feminismo faz-se necessário a realização de um recorte sobre raça desvinculando-se das tradicionais obras e autoras feministas. Com isso, trago uma breve discussão a respeito da luta das mulheres negras no movimento feminista, frisando como esse movimento foi ignorado e de como é preciso ultrapassar o que se tem compreendido como um discurso legitimado.

No período da escravidão no Brasil, mulheres negras eram empreendedoras, quituteiras, por exemplo, e utilizavam o dinheiro para comprar a alforria de pessoas negras escravizadas, como apresenta o artigo “Modos de Libertação e sobrevivência”¹

Muitas dessas mulheres participaram da organização de rebeliões contra a escravidão, assim como foram pensadores de estratégias em pró da manutenção de quilombos. Olhando com atenção a história das mulheres negras de diferentes países dentro do contexto de escravidão negra, pode-se constatar que elas já desempenhavam um papel importante de luta e sobrevivência para o seu povo. Nesse sentido, podemos dizer que essas mulheres negras, que eram tratadas e vistas como meras mercadorias e que lutavam pela libertação de todo um povo, formaram uma espécie de primeira onda feminista.

O discurso de Sojourner Truth, realizado no século 19, torna evidente o dilema que logo mais o feminismo enfrentaria: a interseccionalidade, ou seja, a quebra de única estrutura universalizante para das início em estabelecer a importância de levar em conta fatores como orientação sexual, identidade de gênero e raça, sendo a autora Judith Butler um dos grandes nomes das temáticas interseccionais. O que se torna perceptível com o discurso de Truth e logicamente com os discursos das feministas Bell Hooks e Audre Lorde, é que na década de 1970 essas já denunciavam sobre a invisibilidade das mulheres negras enquanto sujeitos do

¹ Revista digital Revista Pesquisa, da Fapesp. Disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/modos-de-libertacao-e-sobrevivencia/>> Acesso em 01 de dez. de 2024.

movimento feminista. Nisso podemos afirmar que as temáticas e debates a respeito da interseccionalidade já estavam presentes só não tinham visibilidade e nem nomenclatura.

Ademais a interseccionalidade do feminismo negro amplia o campo de visão com base no qual o estudo das relações raciais tem se firmado, permitindo compreender como a opressão racial é dependente e combinada com outras opressões como a de gênero, heteronormatividade e exploração econômica.

A autora Bell Hooks², fala que as mulheres negras e as mulheres brancas compartilham da mesma dor e luta contra o sexismo. Trago o feminismo negro como exemplo, para dialogarmos a respeito das demais ondas do feminismo e sobre a invisibilidade dos feminismos que estejam a margem do feminismo acadêmico. Como o movimento feminista majoritariamente apresenta-se com figuras brancas e de classe média, mulheres negras e religiosas possuem pontos de partidas diferentes da inicial camada feminista, mas suas especificidades também precisam ser priorizadas.

Ainda tratando sobre o feminismo negro, faz-se necessário saber que existe uma grande diversidade dentro desse movimento, Alice Walker, poetisa, ativista e escritora, autora do romance *A Cor Púrpura*, refere a si mesma como mulherista, Angela Davis (2011), diz que a dificuldade é saber como trabalhar com as diferenças e contradições:

“Nós não precisamos de homogeneidade nem de mesmice. Não precisamos forçar todas as pessoas a concordar com uma determinada forma de pensar. Isso significa que precisamos aprender a respeitar as diferenças de cada pensar, usando todas as diferenças como uma ‘fagulha criativa’, o que nos auxiliaria a criar pontes de comunicação com pessoas de outros campos.” (2011)³

Vale salientar que ao pensar sobre a interseccionalidade, mulheres negras vão além do pensamento acerca das opressões que lhes afetam, essas não levantam apenas uma luta identitária, elas pensam sobre uma nova forma de implementar um modelo de sociedade.

As relações de poder estão enraizadas no universo das relações humanas e essas influenciam na interação homens x mulheres, assim como entre as mulheres, e entre os

2 Arquivo do evento Fazendo Gênero 9. Disponível em: <http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278291423_ARQUIVO_FazendoGenero9LiciaBarbosa1.pdf> Acesso em 02 de dez. de 2023.

3 Revista digital Geledes. Disponível em <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/?gclid=EAIaIQobChMIoIfHkbOf8wIVDwqRCh0PJgsxEAAAYASAAEgLxz_D_BwE> Acesso em 05 de dez. de 2023.

homens. É possível interpretar essa estrutura de relação de poder indo além da teoria clássica que compreende a organização da sociedade do ponto de vista das relações econômicas, de classe, atenuando a problemática ao fator de gênero. Sendo diversificada quanto às representações simbólicas, que determinam papéis discrepantes aos sexos, em função das bases biológicas que são diferentes, meu interesse é tratar sobre a cultura como o meio que produz essas distinções. Se focarmos sobre os papéis desempenhados pelas mulheres nas relações de gênero, percebemos uma submissão cristalizada ao longo de séculos, assim como modelos de resistência que ultrapassam os muros da vida doméstica e revelam ao espaço público as insatisfações que são criadas por uma estrutura social enraizada em tradições.

A normatização do poder do sexo masculino sobre o sexo feminino assume esses paradigmas como parte de uma ordem natural das relações dos seres humanos, onde o mais fraco pode ser dominado estando ou não em consentimento. Os modelos de resistência acontecem quando ocorre um despertar de consciência por parte daquele que é submetido, gerando insatisfação e desejo de mudança. A prática de atribuir para homens e mulheres determinismos herdados advindos da sua condição biológica resulta na existência de uma ditadura de gênero levando à hierarquia do masculino sobre o feminino, numa proporção de valores culturalmente patriarcais, firmados na ideia que as atividades ditas masculinas possuem mais valia que as realizadas pelo sexo feminino. A dupla desvalorização, conduz a diferentes inferências no mundo profissional, nos espaços públicos, nas esferas do privado e nas instâncias do poder.

A articulação das dimensões objetivas e subjetivas incorpora uma noção ideológica torna-se ações concretas e conduz aos mecanismos de domínio opressor. Existe uma dificuldade em se solidarizar, ter empatia ou tentar compreender a realidade das mulheres se partindo da experiência dos homens, pois a perspectiva de vida desses são discrepantes, sabendo que as relações de gênero se baseiam em normas comportamentais, poderes morais e religiosos e também em sentimentos e emoções, estruturando a noção de mundo e como a sociedade se organiza pelo ponto de vista simbólico. Assumindo assim o princípio da igualdade na diferença, o que representa uma importante mudança no que tange as representações culturais e o território das ideias, com possibilidades de reverberação e influência nas relações sociais em um modelo com comportamento em que as especificidades vigentes entre homens e mulheres são encaradas, o que também resulta em estabelecimento de espaços e poder.

Partindo destas ideias, trago a seguir os conceitos de gênero como relacional, as tecnologias de gênero e a noção de dispositivo de gênero, a partir de teóricas feministas, para fundamentar o estudo.

2.1. RELAÇÕES DE GÊNERO

Até a década de 1980, nos estudos feministas, a dualidade de gênero (feminino x masculino) era muito forte, sendo o sexo associado a natureza e gênero a cultura. Para problematizar esta dualidade e apresentar a perspectiva de gênero como uma categoria relacional, trago a historiadora norte-americana Joan Scott como referência, autora do artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” (SCOTT, 1995), publicado originalmente em 1986, que trouxe novas perspectivas para os estudos do tema. Sob influência do filósofo Michel Foucault, que entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais, defendendo que existe uma relação inseparável entre saber e poder logo o gênero estaria sobreposto as relações de poder.

Para Joan Scott, gênero é uma compreensão sobre as diferenças sexuais, que são hierarquizadas dentro de uma lógica engessada e dual. Ela não nega que existem diferenças entre os corpos, biologicamente falando, mas o que lhe interessa de fato é como se dar as construções de significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e por consequência, posicionando-as dentro de relações hierárquicas. Scott conceitua gênero enquanto uma categoria útil à história, porém não simplificando apenas à história das mulheres. Tratando também sobre a história dos homens, tratando, portanto, da história das relações entre as mulheres e os homens, das mulheres entre si e da mesma forma dos homens entre si, além de analisar as desigualdades na hierarquia social. A autora alega que o conceito de gênero foi inventado para ir de contra ao determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando um caráter fundamentalmente social. Este aspecto de relação vem da inquietação de alguns de que os estudos femininos se centravam sobre as mulheres de forma rigorosa, e a noção de gênero assim a noção de gênero percebe que as mulheres e os homens eram marcados em termos respectivos e não poderiam ser compreendidos de forma separadamente. O gênero enquanto categoria de análise tem o privilégio de conseguir de propor uma mudança dos modelos de conhecimentos tradicionais, não apenas nas relações entre os sexos, trazendo novos temas, mas estabelecendo uma revisão crítica das ideias iniciais e critérios dos trabalhos científicos sobre o assunto. Gênero preenchia o interesse da historiografia em uma

história que incluía os discursos dos oprimidos numa análise do sentido da natureza da opressão.

Para ela o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 14)

“O gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado.” (SCOTT, 1995, p. 16)

Joan Scott (1995) via emergência os estudos sobre a mulher, a necessidade da participação da figura feminina na história com interesse de compreender a opressão patriarcal. Viviam-se em um momento onde os historiadores da temática de gênero desfrutavam do privilégio de não pertencerem a nenhum sexo, mas a autora acreditava ser necessário assumir que possuíam um sexo e que isso era relevante. De acordo com Scott (SCOTT, 1995, p. 20), esta interpretação trata dos Estudos de Gênero na história das mulheres e vê a crise do gênero como um alerta de despolitização, ou de imparcialidade. Para a autora, esta exposição precisa de alguma reflexão crítica, não por não ser algo simples, mas por representar de forma incorreta a história das mulheres e dos seus relacionamentos, tanto com a política, quanto com a história. A autora propõe um uso do gênero muito mais extenso, incluindo o homem e a mulher em seus diferentes contatos, suas precedências, hierarquias e relações de poder. Joan Scott discute três posições teóricas sobre os estudos de gênero:

“A primeira, uma tentativa feminista de entender as origens do patriarcado; a segunda se situa numa tradição marxista e busca um compromisso com a crítica feminista; e a terceira se divide entre o pós-estruturalismo francês e as teorias de relação do objeto, inspira-se em diversas escolas da psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito.” (SCOTT, 1995, p. 8-9)

Falando sobre as dimensões de gênero percebemos como a temática de relações de poder se mostra tão presente, e dando enfoque a temática da pesquisa que se volta a análise do discurso bíblico podemos perceber aspectos dos símbolos quando a autora defende que argumento biológica para a subordinação dos gêneros como por exemplo demarcando as mulheres como mães e os homens como indivíduos de força superior. Os papéis impostos

socialmente para homens e mulheres, e como a religiosidade reforçando a continuação dessa falácia sobre os corpos.

Adentrando essa discussão crítica pontuando erros desse recorte religioso sem o intuito de desrespeito a fé cristã, mas denunciando que por esses discursos vários comportamentos de violência contra a mulher tornam-se aceitável sob um amparo religioso:

“Toda malícia é leve, comparada com a malícia de uma mulher: que a sorte dos pecadores caia sobre ela!” (Eclesiásticos 25-26)

A religião quando não está alinhada ao seu propósito principal que é levar uma novidade de vida, uma esperança e mudança para pessoas que passam por diferentes formas de sofrimento mostrando para elas a importância de desenvolver além de um relacionamento saudável social a premissa da importância do cuidado e desenvolvimento de um relacionamento saudável com Deus, fugindo dessa premissa a religião torna-se um instrumento de opressão e dominação, legitimando atitudes machistas travestidas de moralidade.

Com isso, penso que a teologia feminista vem como uma ferramenta provocativa para formação de mulheres que buscam sua construção espiritual como agentes que compreendem a importância de uma reflexão e ação na denúncia e busca de soluções nesse desajuste social.

2.2. TECNOLOGIAS DE GÊNERO

A categoria gênero, identificada no seu aspecto simbólico, como representação cultural, concretiza-se no comportamento das pessoas, influenciando modos de expressão de identidades e modos de viver. Sua representação dar-se através de sua construção e se modifica na medida em que as sociedades mudam, logo, sua construção é ininterrupta e vem lado a lado da desconstrução.

A autora Teresa de Lauretis, defende que gênero não é sexo, uma condição natural, e sim:

“A representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a posição conceitual e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos.” (DE LAURETIS, 1987, p. 211)

A autora salienta que a categoria feminino e masculino, supressor, aliena as relações sociais, que não refletem, mas constroem a realidade.

”As mulheres e os homens não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos.” (DE LAURETIS, 1987, p. 215)

Tereza de Lauretis, assim como Joan Scott, faz referência a Michel Foucault, especificamente direcionada a sua obra “História da sexualidade” (1976), Lauretis argumenta que Foucault construiu uma obra altamente androcêntrica, pois o mesmo nega a categoria gênero, o que resulta na abolição das relações distintas e opressoras entre masculino e feminino (relações de poder), e por fim, a autora acredita que essa obra abre margem para a continuidade da preeminência do masculino sobre o feminino.

As mulheres historicamente sempre foram colocadas a ter uma relação difícil com a sexualidade. Haja visto que esse território por séculos tem sido colonizado pelo desejo masculino hegemônico. Embora corpo feminino por eras tem sido associado ao perigo, mistério e pecado, discorrerei mais sobre esse assunto em outro tópico, paradoxalmente, a ideia da feminilidade pode esta interligada a essas nuances.

A representação do feminino e da feminilidade por muitos é atrelada ao desejo masculino, onde a mulher não teria controle sobre o seu corpo, sendo assim um objeto erótico, aprisionada e perpetuada em papéis dicotômicos de vulgaridade. Lauretis (1987) sinaliza o cruzamento da ideia de gênero com outros fatores determinantes que assim possibilita a construção de perfis para sujeitos, demarcando classe social, raça, idade dentre outros fatores que influem nos distintos posicionamentos das mulheres em relação ao gênero. Segundo Lauretis (1987), os estudos de gênero só poderão progredir, quando for possível o desvio da base androcêntrica, a partir de uma revisão do sujeito diante das representações do gênero. Implicando, portanto, que os discursos que atualmente estão a margem tentem a tomar o discurso hegemônico. Interessa trazer a abordagem de Lauretis (1987) sobre um olhar da Bíblia como uma tecnologia de gênero, pois esse conceito quebra as representações e histórias narradas, modos de comportamentos dito para homens e mulheres, dentro também de uma base patriarcal e androcêntrica, expressando a cultura e sociedades no tempo histórico que foi produzida.

2.3. DISPOSITIVOS DE GÊNERO

Embora estejamos em uma conjuntura histórica e cultural que foge dos padrões temporais das personagens bíblicas, e sabendo que ao discorrer sobre essas tenho uma fonte muito limitada por tratar-se apenas de textos religiosos, ainda assim trago um olhar de licença

poética pois sou uma mulher inserida no contexto da fé cristã e faço uso da leitura bíblica como ferramenta espiritual, e embora concorde que não me cabe julgar os comportamentos relatados por não estar inserida nos parâmetros culturais da época que a bíblia relata, afirmo ser de grande importância desenvolver esse debate pois mesmo tratando-se de um livro antigo esse ainda é usado como mecanismo de dominação das mulheres dentro dessa esfera de fé. Para olhar as representações das mulheres na Bíblia, trago a noção de dispositivo de gênero, discutindo como para as mulheres os dispositivos amoroso e materno operam para construções de representações e incidem sobre as construções identitárias. A noção de dispositivo dialoga com a perspectiva foucaultiana, mostrando que é importante perceber que os dispositivos de gênero e também de sexualidade são processos cruéis, não pela lógica de repressão, mas sim pelo gerenciamento, controle e manutenção dos corpos, e das subjetividades.

Esse forte avanço caminha cada vez mais sobre diferentes passos e produzem formas de experiências e vivências da sexualidade como não legítimo, talvez não no intuito total de extermínio, mas sim para a manutenção das relações de poder. Para Foucault, poder: “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (Foucault, 1988, p. 103). Além disso, o poder se dá em diversas formas de relações, em toda parte, não sendo detido por um único agente. As relações de poder estão enraizadas no universo das relações humanas e essas influenciam na interação homens x mulheres. Como sujeitos históricos é possível interpretar essa estrutura de relação de poder indo além da teoria clássica que explicam o código da sociedade do ponto de vista das relações econômicas, de classe, atenuando a problemática ao fator de gênero. Considero que a espécie humana única quanto às funções naturais, diversificada quanto às representações simbólicas e culturais, que determinam papéis discrepantes aos sexos, em função das diferenças de base biológica.

Quando as mulheres e o papel que desempenham nas relações de gênero são elencados, é possível observar modelos de submissão cristalizados ao longo de séculos, assim como modelos de resistência que ultrapassam os muros da domesticidade e revelam ao espaço público as insatisfações geradas numa estrutura social solidificada em tradições. Olhar como algo banal a ato de poder de um sexo sobre o outro torna parte natural das relações entre os seres humanos, no qual o mais fraco pode ser dominado com ou sem seu consentimento. Os modelos de resistência ocorrem quando, sobre as ligações de mudanças sociais, se articula uma tomada de consciência por parte daquele que é submetido, o que gera insatisfação e desejo de mudança. A prática de atribuir para homens e mulheres determinismos herdados provenientes da sua condição biológica implica na existência de uma ditadura de gênero para

os dois sexos que leva à hierarquia do masculino sobre o feminino, numa escala de valores culturalmente patriarcais, edificadas, onde as atividades masculinas são vistas com mais valia do que as atividades realizadas pelo sexo feminino. A dupla desvalorização conduz a diferentes implicações no mundo do trabalho, no espaço público, nas esferas do privado e nas instâncias do poder.

A articulação das dimensões objetivas e subjetivas agrega um pensamento ideológico que acaba por se traduzir em ações concretas e leva aos mecanismos de dominação e opressão. Existe uma dificuldade em se interpretar a realidade das mulheres partindo da experiência dos homens, pois a perspectiva de vida desses são distintas, dado que as relações de gênero se baseiam em poderes diferentes, normas comportamentais, morais e religiosas e até em emoções e sentimentos, estruturando a percepção de mundo e a forma como a sociedade se organiza do ponto de vista simbólico. Assumindo assim o princípio da igualdade na diferença, o que representa uma considerável transformação nas representações culturais e no terreno das ideias, com possibilidades de reverberação e intervenção nas relações sociais numa espécie de atitude no qual as especificidades existentes entre homens e mulheres são consideradas, o que também implica em estabelecimento de espaços e poder.

Partindo destas ideias, trago a noção de dispositivo de gênero, a partir de teóricas feministas, também para fundamentar o estudo. A pesquisadora feminista Valeska Zanello (2018) parte do binarismo estratégico para discorrer sobre a existência de percursos permeados por privilégios subjetivos na construção do caminhar para ser homem ou mulher na cultura brasileira. Em observações clínicas e pesquisas no campo da saúde mental e gênero, observa como as queixas dos homens estavam relacionadas ao sofrimento por não cumprirem papéis hegemônicos de masculinidade voltados ao que ser refere à eficácia laboral e sexual. Considera assim, que para os homens, sobressai o dispositivo da eficácia, com base na lógica viril, laboral e sexual, resumidamente, fazendo tornar-se um homem de verdade, sendo um bom trabalhador e provedor de sua família assim como um indivíduo sexualmente ativo.

Valeska Zanello (2018) diz que nós mulheres temos uma relação identitária com o amor e a maternidade de forma diferente dos homens que são desde a infância levados a conquistarem desempenho em suas performances sexuais e no campo profissional. Para as mulheres, Valeska Zanello (2018) destaca os dispositivos amoroso e materno, ambos envolvendo o lugar de cuidadora e “passiva”. O dispositivo amoroso denuncia que a prática de amar ensinada e vivida pelas mulheres as colocam em uma posição de vulnerabilidade. As mulheres ao longo do processo de sociabilidade vão aprender a amar, principalmente os

homens, e a se comportarem para conseguirem este amor. A autora usa a metáfora da "prateleira" do amor, para explicar esta construção, na qual se faz necessário ser selecionada por um homem para que se torne legítima sua imagem como mulher. E esta escolha está baseada em atributos de beleza que são construídos com bases colonizadoras, endossando a branquitude, o corpo magro e jovem. Para a autora, o amor dar-se de forma distinta entre homens e mulheres.

Configura o matrimônio a via legítima para a relação do amor paixão/eros para homens e mulheres. Neste modelo se encera, portanto, laços de domínio que geram desigualdades, dependência e propriedade sobre mulheres e privilégios para os homens. Para as mulheres, o amor diz respeito à sua identidade, como uma experiência vital. O amor, em nossa cultura, se apresenta como a maior forma, e a mais invisível de apropriação e desempoderamento das mulheres. (ZANELLO, 2018, p. 230)

A lógica de matrimônio tradicional e o modelo pensado sobre o amor para as mulheres, gera a compreensão que amar é coloca-se abaixo do ser amado. Valeska Zanello usa o termo “colonização das mulheres através do amor” para exemplificar essa construção social através de um modelo de amor romântico. Neste modelo, as mulheres são alienadas em um processo de condicionamento de sentimentos que resultam em uma renúncia pessoal, abrindo mão de si, em pró do bem-estar dos seus companheiros o que resulta na potencialidade de suas dependências emocionais e assujeitamento para com seus companheiros. Por meio do amor, a união pode culminar na procriação – o que é esperado na nossa cultura ocidental. Neste sentido, o dispositivo amoroso pode ser um caminho para o dispositivo materno. O dispositivo materno naturaliza as mulheres a figura do cuidar, dando-lhe performances com base no fator biológico (de parir).

As construções de gênero e os processos de subjetivação postos a partir das categorias de dispositivos são feitas por meio de processos de socialização, como uma pedagogia de gênero, pela via das tecnologias de gênero e são diferentes agentes educativos que implicam nessa construção e educação, sejam por meio da literatura educativa das escolas como os livros de contos de fantasia, os livros didáticos e os estudos da ciência assim como os meios de lazer e comunicação podendo citar as mídias, redes sociais, o cinema, teatro e também os agentes que promovem uma educação espiritual como as igrejas ou encontros de diferentes crenças.

Esses processos constroem toda a nossa narrativa a respeito das relações amorosas, de casais, dando a maternidade a imposição de valores hierárquicos e patriarcais. Considero que apesar da existência de diferentes “tecnologias de gênero” como músicas, filmes, literatura que romantizam e nos impoe a esta lógica, é sim possível criarmos performances subversivas.

Nesta pesquisa busco observar representações de mulheres na Bíblia que subvertem a lógica hegemônica de gênero, convivendo com representações mais tradicionais, dentro de uma escritura que é uma importante tecnologia de gênero.

3. CAPITULO 2: TEOLOGIA FEMINISTA

Neste capítulo trago como fundamento a Teologia Feminista que busca respostas nas demandas das lutas feministas por espaços na sociedade, e utilizo o meu lugar de fala por ser uma mulher cristã e feminista. Considero que não podemos negar que este desequilíbrio entre as funções e lugares dos homens e das mulheres no ambiente social e religioso, é uma construção já enraizada pela história que tem o poder de alcance das mais diferentes esferas sociais.

Podemos fundamentar essa assimetria sobre os lugares ditos para homens e mulheres avaliando a fala do filósofo suíço Jean Jacques Rousseau (1712-1778) que defendia a ideia de que nós mulheres deveríamos ter a nossa educação com base no serviço ao homem. O filósofo iluminista afirmava que:

Toda a educação das mulheres deve ser relacionada ao homem. Agradá-los, ser lhes útil, fazer ser amada e honrada por eles, educá-los quando jovens, cuida deles, tornar suas vidas úteis e agradáveis, são esses os deveres das mulheres em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância.(ROUSSEAU apud ALVES; PITANGUY, 2003, p. 34)

Opondo-se a essa fala, podemos citar Anne Hutchinson (1591 – 1643) que influenciada pelo seu pai desenvolvia reuniões para dialogar sobre fé e outros assuntos de interesse da sociedade e buscava a igualdade entra homens e mulheres diante de Deus e do seu convívio social.

Hutchinson pregava que Deus criou todos de forma igual e que a salvação não era através de mérito, mas sim era um presente de Deus às pessoas. Anne foi acusada por comportar-se mais como “um marido do que uma esposa” (ALVES; PITANGUY, 2003, p.

30) gerando assim seu condenamento e banimento no ano de 1637 para o Novo Mundo que atualmente é os Estados Unidos da América.

Sabendo da existência da Teologia Feminista que traz uma abordagem de dar voz e espaço para mulheres religiosas no seu ambiente de fé e olhando para mulheres que participam de igrejas cristãs, de um modo mais sistemático, levanto questões que guiam esse estudo: É possível existir o rompimento com a estrutura sexista nessa esfera religiosa? A base da cultura cristã é libertária para as mulheres? Existiram movimentos políticos e religiosos que contribuíram com a emancipação feminina?

Durante séculos a legalidade em ser reconhecido como representante de Deus, falando do cristianismo dentro da localidade brasileira em suas várias vertentes, era quase que unicamente dado apenas aos homens; mas em passos lentos uma reavaliação vem sendo feita devido diversas reflexões levantadas em torno do lugar da figura feminina nos espaços religioso e na sociedade como um todo. No percurso de buscar literatura sobre o tema, encontrei estudos no Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo - PPGNEIM/UFBA, que questionam sobre a representatividade feminina dentro da esfera católica: os trabalhos “Mulheres na Igreja Católica Apostólica Romana: Patriarcado, Gênero e Teologia Feminista“, desenvolvido por Leandro Neri Brito, e o de Ana Livia Rodrigues “Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica (1978 – 2005)“.

O primeiro apresenta como os conceitos de patriarcado e de gênero podem ser uma ferramenta de análise sobre a vivência das mulheres na Igreja Católica. E afirma que essa postura é contraditória as práticas de Jesus Cristo em relação às mulheres de acordo com os seus ensinamentos (BRITO, 2005). E o segundo estudo traz uma análise extensa e detalhada sobre as relações de gênero e a hierarquia na Igreja Católica, apresentando essa relação de poder como a motivação da ausência das mulheres no sacerdócio desta esfera religiosa (RODRIGUES, 2005).

Ivone Gebara, freira, filósofa e teóloga feminista fala que “A teologia feminista é parte de uma revolução cultural que ainda está em seus primeiros passos.” E esse movimento atende a variadas formas de compreender sua espiritualidade, seja através da fé cristã que é a religião tratada nessa construção, assim como outros contextos de fé que pense em reconsiderar suas bases tradicionais por uma ótica de perspectiva feminista. Assim, posso dizer que a Teologia Feminista trata-se de um estudo feito por mulheres feministas no sentido de desenvolverem a sua liberdade no contexto social e também no âmbito espiritual. Essa Teologia surge como uma forma das mulheres acordarem e irem de contra a unilateralidade

da teologia dominante e a prática eclesiástica, que em diferentes espaços religiosos apresentam-se como uma contribuição incompleta da teologia devido a exclusão quase por completo da figura da mulher. Também há estudos feitos por homens, mas a autoria dessa literatura é predominantemente feminina.

O objetivo da teologia feminista é fazer existir uma teologia de integridade, onde os gêneros coexistam. Para explicar a gênese da teologia feminista se torna necessário o conhecimento da Bíblia da Mulher: *Woman's Bible*. No fim do século 19, um grupo de mulheres, lideradas pela Elizabeth Cady Stanton, ativista social, feminista, abolicionista estadunidense, e líder do movimento pelos direitos das mulheres, encontrava-se com outras mulheres para fazerem levantamentos de todas as personagens femininas presentes na Bíblia. Por meio destas reuniões e dos trabalhos realizados, surgiu a “*Woman's Bible*”, projeto de reinterpretação Bíblica como atividade para construção de uma nova consciência feminina dentro da comunidade cristã. E por meio desse passo inicial de ter a ousadia de buscar abrir espaço para um diálogo sobre a existência de mulheres nesse meio e sua importância que futuramente deu-se início a “Teologia Feminista”. Além dessa ação religiosa Elizabeth Cady juntamente a Susan B. Anthony (1851), exerceram papel fundamental na luta das mulheres pelo direito ao voto e no movimento progressista. Juntas realizaram diversas construções teóricas como: “New York Women's State Temperance Society” (1852), “Women's Loyal National League” (1863), “American Equal Rights Association”(1869) e o jornal semanal “The Revolution” (1868).

Em 1911, na Grã-Bretanha, fundou-se a Aliança Internacional Joana D'Arc, buscando igualdade entre homens e mulheres na sociedade civil e religiosa. Essas católicas usavam o termo, “Pedi a Deus: Ela vos ouvirá”. Trazendo ainda mais desconforto na comunidade religiosa por chamar Deus por um gênero feminino, porém essas mulheres defendiam que o uso do Ele/Ela estava acima dessa questão, pois entendiam que Deus não possuía um gênero. A teologia feminista ampliou-se de forma estruturada pela metade do século 20 tendo início em países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

3.1. ALGUNS NOMES DA TEOLOGIA FEMINISTA

LETTY MANDEVILLE RUSSEL (1929 em Nova Jersey – 12 de julho de 2007 em Guilford) foi teóloga feminista, professora na Universidade de Harvard, autora de mais de 17 livros incluindo a *Interpretação Feminista da Bíblia*, foi a primeira mulher ordenada como Pastora na Igreja Presbiteriana em Nova York, concentrou o seu ministério em equipar sua

congregação de pessoas majoritariamente negras para reivindicarem suas vozes como líderes na comunidade. Desenvolvia estudos bíblicos que encorajavam essas pessoas a explorar maneiras pelas quais a Bíblia lhes dava voz e liberdade.

Em sua obra “Dicionário de teologia feminista” de 1996 Russel discorre que a sua insistência de trabalhar uma análise bíblica para revelar nela a valorização da mulher à primeira vista é um paradoxo e que a Teólogas Feministas enfrentam uma segunda marginalização em grande medida no âmbito acadêmico feminista, pois a academia e os movimentos feministas permaneceriam sustentando o valor dos materiais bíblicos reforçando apenas o olhar de sua tendência patriarcal contra as mulheres.

ELISABETH SCHUSSLER FIORENZA (nascida em 17 de abril de 1938) é uma teóloga feminista alemã, atualmente professora da Faculdade de Divindade em Havard, que em uma de suas obras “As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica” a autora defende que: “A bíblia não é totalmente androcêntrica, mas também contém princípios éticos absolutos e tradições feministas libertadoras.” (FIORENZA, 1992, p. 54)

KATHERINE DOOB SAKENFELD, (nascida em 1940) Teóloga feminista americana, professora de Literatura e estudiosa do antigo testamento, segue considerando a Bíblia como um escrito fundante da fé cristã e do judaísmo, não abrindo mão de disputar seu uso e interpretação para a libertação das opressões e para construção de relações de equidade e justiça. (SAKENFELD, 1995, p. 65)

MARY JUDITH RESS (nascida em 1942 nos Estados Unidos), missionária da congregação Maryknoll, vive no Chile desde 1991, onde ajudou a fundar a Revista Conspirando, uma publicação periódica que desde sua fundação pretende ser uma “Revista Latinoamericana de ecofeminismo, espiritualidade e teologia”. Tem mestrado em Política Economica, obtida da Graduate School of Social Studies New York, e em Língas Espanhola e Literatura, obtido na Universidade Internacional em Saltillo, Mexico assim como obteve Doutorado em teologia ecofeminista na San Francisco Theological Seminary da California.

SUSAN BROOKS THISTLETHWAITE (nascida em 1948) é autora, ex-presidente do Chicago Theological Seminary, colunista sindicalizada, ministra ordenada, ativista, teóloga e tradutora da Bíblia. Possui doutorado pela Duke University e é ministra ordenada da Igreja Unida de Cristo.

ROSEMARY RADFORD RUETHER (nascida em 1936) é uma teóloga feminista católica, americana que defende a ordenação de mulheres, um movimento entre pessoas religiosas católicas que afirmam a capacidade das mulheres em servir como padres, apesar de

existir uma sanção oficial. Desde 1985, Ruether atua como membro do conselho do grupo pró-escolha.

BARBARA BROWN ZIKMUND (nascida em 1939) é uma historiadora americana da religião, ministra na Igreja Unida de Cristo, doutora pela Universidade de Duke, grande parte de suas pesquisas concentram-se no papel desempenhado por mulheres religiosas. Foi a primeira mulher presidente da Associação de Escolas Teológicas dos Estados Unidos e Canadá e 1986 a 1988, de 1984 a 1992. Participou do Programa de Educação Teológica do Conselho Mundial de Igrejas. Seus trabalhos são da biblioteca da Universidade de Columbia.

IVONE GEBARA (nascida em 1944 em São Paulo) é uma freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira, entrou na Congregação das Irmãs de Nossa Senhora em 1967, com apenas vinte e dois anos de idade, após ter concluído a sua graduação em filosofia. É doutora em filosofia pela Universidade Católica de São Paulo e em Ciências Religiosas pela Universidade de Lovaina na Bélgica e é autora do livro “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal (2000).

Entre 1973 e 1989, foi professora de filosofia e teologia no Instituto Teológico de Recife. Desde então dedica o seu tempo a escrever e a ministrar cursos e palestras, em diversos países do mundo, sobre hermenêutica feminista, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos e teológicos do discurso religioso.

A partir de 1973, passou a viver no Nordeste e morou em um bairro pobre de Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife. Foi integrante da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. Colaborou com diferentes revistas de teologia, tais como: “Alternativa”, “Tempo e Presença”, “Spiritus”, “Conspirando”, dentre outras. Em 1995, Ivone Gebara foi processada e condenada pelo Vaticano por fazer críticas à doutrina moral da Igreja, sendo-lhe imposto o silêncio obsequioso. Ficou fora do Brasil durante dois anos de silêncio forçado a que foi condenada, nesse período obteve seu segundo doutorado, em Ciências da Religiões na Bélgica.

É interessante frisar a curiosidade sobre o fato de que apenas Ivone Gebara, teóloga feminista brasileira, tenha sofrido sanção do Papa, sabendo que outras teólogas também exerciam um posicionamento feminista assim como também teólogos escreviam sobre as temáticas.

A maior parte das Teólogas Feministas assumem relação e percepção distintas sobre o lugar que a Bíblia ocupa na vida e na espiritualidade das mulheres, a motivação central que se utiliza como reflexão é que, mesmo reconhecendo as marcas e as raízes patriarcais presentes nos textos e nas interpretações, a Bíblia continua sendo, para mulheres cristãs e feministas que

compreendem a sua espiritualidade e militância no interior de instituições cristãs e que atuam no campo da disputa da Bíblia, como mecanismo de libertação contra todas as formas de opressão, violência e injustiça.

As teologias feministas permanecem não sendo bem aceitas nos espaços institucionais comandado pelo clero e por pessoas convencidas da superioridade masculina na sociedade assim como a crença na representação de Deus através de uma imagem do gênero masculino. Percebendo novamente como as relações de poder tem uma grande força histórica e social que sempre alimentou o processo de submissão feminina.

3.2. O MOVIMENTO TEMPERANÇA E CARRY AMELIA NATION

O movimento em defesa dos direitos das mulheres teve uma evolução pouco conhecida em sua origem estadunidense nesse período de sua formação. Além do sufrágio, existiu um movimento da proibição das bebidas alcoólicas que as mulheres estiveram engajadas. Assim como o início da luta pela importância do vegetarianismo, as causas para o pacifismo e também o abolicionismo tiveram um lugar importante na definição dos primeiros movimentos de mulheres. Existia um mito de uma suposta relação entre o consumo de álcool, de carne e a prática da luxúria que seriam atributos masculinos. Defende Barbara Leslie Epstein em seu livro *The Politics of Domesticity: Women, Evangelism, and Temperance in Nineteenth-Century America*. (1981).

Os direitos civis e políticos eram subtraídos às mulheres tanto na vida pública, como no âmbito do acesso aos consumos conspícuos de drogas masculinas. O espaço masculino, tanto entre as elites como em camadas subalternas se constituiu na vida urbana e industrial em torno a restrições para as mulheres que não deviam frequentar tavernas, cafés ou reuniões políticas. Essa exclusão feminina de direito a votar, a beber, a fumar, a ter vida social segregava o espaço público como privilégio dos homens e relegava as mulheres ao âmbito doméstico. O movimento pela temperança nasceu entre homens evangélicos, mas logo se tornou a base de confluência de diversos anseios por reforma social nos Estados Unidos do século XIX, como o movimento abolicionista da escravidão e o sufrágio pelo voto feminino.

Numa sociedade que valorizava a submissão, tanto das esposas aos maridos como de todos, por serem religiosos, diante de Deus, a única força em que as mulheres se firmavam para poderem criticar os homens era quanto à sua pouca religiosidade. Refletindo tais críticas em respeito ao consumo alcoólico, que os levava para longe do lar e da igreja. Com isso, as mulheres lutaram em defesa do bem estar do espaço doméstico e assim iniciaram o seu

engajamento de militância na vida pública. A “política da domesticidade” levou a uma aproximação dos movimentos de temperança e dos primeiros movimentos de ação pública feminina. O apoio feminino à proibição das bebidas se associava a luta pelo direito do voto feminino, e o escritor Jack London, em suas “Memórias alcoólicas” relatou que foi votar a favor do sufrágio feminino, no plebiscito que ocorreu na Califórnia, porque, assim, as mulheres votariam pela Lei Seca. Por isso, em 1911, surgiu uma organização chamada NAOWS, financiada pela indústria de bebidas alcoólicas, que tentavam combater o sufrágio feminino.

A “cruzada das mulheres”, em 1873, foi um exemplo desse movimento religiosos puritano, por meio do qual as mulheres, pela primeira vez, protagonizaram uma ação pública de protesto. Nele se celebrou **Carrie Amelia Nation**, que fazia piquetes de orações diante das tavernas e atacava barris de bebida à machadadas. Cerca de mil tavernas, especialmente no Ohio, foram atacados nessa campanha.

Da ideia de que as coisas vistas moralmente como mal eram privilégios dos homens e precisariam ser proibidas para toda a sociedade, passou-se para a reivindicação de que cabia a todos, inclusive às mulheres, o acesso a esses bens moralmente condenados por alguns. O fim da Lei Seca encerrou a era das tabernas, espaço masculino onde a frequência feminina era igualada à prostituição, para uma regulamentação igualitária, em que a idade adulta dava acesso à compra de álcool e tabaco na condição de consumidores. Além da luta contra o álcool, Carrie Amelia Nation, compartilhou as preocupações sobre roupas apertadas para as mulheres. Questionando o uso dos espartilhos por causa dos efeitos negativos nos órgãos vitais das mulheres. Os esforços para tornar o vestido das mulheres mais confortáveis não se concretizaram porque os espartilhos estavam na moda há muito tempo e continuavam tão bem no século XX. Carrie Amelia Nation não aceitava fazer uso de espartilhos, acreditando que sua natureza restritiva não era natural.

A maioria das mulheres do movimento da Temperança foram taxadas por estudiosos do século 20 apenas como religiosas fanáticas e conservadoras e a história feministas faz citação das sufragistas e outras mulheres consideradas mais radicais mas não mencionam esse movimento.

3.3. PRIMEIRA ONDA DO FEMINISMO E A FÉ CRISTÃ: OS *QUAKERS*

A Sociedade dos Amigos ou *Quakers* trata-se de um grupo cristãos inglês comandado por George Fox, que afirmava ter vivenciado uma experiência espiritual de uma visão que lhe

fez compreender que Deus poderia falar diretamente com qualquer pessoa, e não necessariamente pelo intermédio de líderes religiosos.

Em 1988 o movimento Quakers já dispunha de 200.260 membros, entre os Estados Unidos (109.000), África Oriental (45.000) e Grã-Bretanha (18.000). O movimento *Quakers* possuía bastante influência dos Anabatistas, que foi um movimento originário da reforma protestante. Em cerca de 1652, George Fox começou a pregar que uma estrutura de igreja formal e ajudou na conquista pela aprovação da Lei de Tolerância de 1689.

O movimento da luta contra a escravidão e o movimento de emancipação feminina se apoiavam mutuamente, e a primeira geração de feministas era composta por mulheres abolicionistas sendo algumas da fé cristãs. Podendo citar Harriet Ross Tubman (1820-1913) que foi escravizada, ativista das lutas abolicionistas, e seguia a fé cristã, Tubman teve o seu papel na história comparada a trajetória do líder quilombola Zumbi dos Palmares. E Sojourner Truth, muito conhecida e citada pelo movimento negro pelo seu discurso, “E eu não sou uma mulher?”.

Susan Brown Anthony (1820-1906), seguia o movimento *Quaker*, ela foi presa por votar em 1872, e sua atuação tinha tanta relevância que a emenda para o direito do voto feminino nos Estados Unidos recebeu o nome Emenda Anthony. Susan atuava na luta pelo sufrágio feminino juntamente a Elizabeth Cady Stanton e Matilda Joselyn Gage. Após a Revolução Americana, Amigos já estavam envolvidos em diversas atividades de reformas como as lutas pelos direitos indígenas, reforma prisional, a temperança (crítica ao consumo excessivo da bebida alcoólica), a abolição dos escravos, lutas por direito a educação e os movimentos de mulheres. Movimentos e organizações como o *GREENPEACE* e a *AMNISTIA INTERNACIONAL* são frutos da sociedade Quaker.

Camille Paglia em “Mulheres Livres, Homens Livres: Sexo, Gênero e Feminismo” (2018) ataca o atual feminismo criticando a forma como o mesmo não inclui mulheres donas de casa e religiosas em suas causas, as excluindo e ainda constantemente referindo-se a essas mulheres como traidoras do feminismo. Paglia defende a necessidade do feminismo abandonar o mundo acadêmico, ao mundo meramente teórico e sectário, e que mulheres como Beyoncé ou Madonna terão mais a oferecer a causa que todas as Judith Butlers do mundo.

Segundo Barbara Brown Zikmund em seu livro “Mulheres do clero: um chamado ascendente” de 1998 diz que quando o feminismo afirma que o cristianismo oprimiu as mulheres, ela questiona de qual cristianismo as feministas estariam falando, que o feminismo frequentemente exalta os erros cometidos historicamente por pessoas que seguem a fé cristã

mas omite a existência de homens e mulheres cristãos que lutaram por mudanças históricas incluindo do cunho dos direitos das mulheres. Zikmund ainda menciona que o feminismo reconhece a contribuição de movimentos marxistas, anárquicos, liberais entre outros mas que se faz necessária uma reformulação a inserção das mulheres do movimento da Temperança que também pertenciam ao movimento Quaker. A consagrada feminista Simone de Beauvoir, autora da “Bíblia” Feminista, *O Segundo Sexo*, fala que o movimento do quakerismo e seu ativismo social “deu um tom a todo o feminismo norte-americano.”

5 <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/harriet-tubman-ex-escrava-e-ativista-que-libertou-mais-de-300-cativos.phtml>

“Londres, em 1840, a quacre Lucretia Mott fundou uma associação feminista. Numa reunião realizada em 1840 em Sêneca Falls, redigiram elas um manifesto de inspiração quacre e que deu o tom a todo o feminismo norte-americano.”(BEAUVOIR, 1970, p. 162).

Beauvoir continua sua escrita fazendo uma citação de um dos discursos das reuniões Quaker:

“O homem e a mulher foram criados iguais e providos pelo Criador de direitos inalienáveis... O homem faz da mulher casada uma morta cívica... Usurpa as prerrogativas de Jeová que é o único a designar aos homens sua espera de ação.” (BEAUVOIR, 1970, p.162)

Com isso compreendo que Simone de Beauvoir, legitima a luta das mulheres Quakers, quando cita que o quakerismo deu um tom a todo o feminismo norte-americano penso que Beauvoir esteja mencionando que essas mulheres deram um ponta pé inicial muito importante para a construção de uma mentalidade que futuramente seria nomeada como feminismo. Segundo Reuther em *Women and Redemption* (1998) para os *Quakers*, a condição que a sociedade impunha do homem ter domínio sobre a mulher era um ato de pecado, já que Jesus falava sobre igualdade e o mesmo havia dado a ordenança que ambos propagassem o evangelho a todos. George Fox, fundador dessa vertente cristã preocupou-se também na construção de escolas para as meninas *Quakers* em suas colônias, criando algumas escolas exclusivamente femininas, principalmente para leitura e compreensão bíblica. A contribuição com a emancipação feminina, pelo movimento Quaker, não se deu de forma consciente e propositalmente para uma construção e formação feminista, a ideologia de igualdade de gênero estava voltada para a abertura de espaço para mulheres desenvolverem atividades de

liderança e ativismo religioso por uma compreensão de que Deus via os homens e as mulheres como iguais.

Entretanto, no século 19 mulheres do movimento Quaker já desempenhavam ativismo com cunho político além do religioso, podendo citar Angelina Grimké e sua irmã Sara Grimké assim como a Lucretia Mott, citada por Simone de Beauvoir, também Susan B. Antony e Elizabeth Cady. O desenrolar e acontecimentos que envolvem a primeira onda do feminismo responde um questionamento levantado pela crítica ao feminismo atual Camille Paglia (2017). “O feminismo é intrinsecamente um movimento da esquerda, ou pode haver um feminismo baseado em princípios conservadores ou religiosos?” Sendo do contexto cristão reconheço que tratando-se de mulheres religiosas dificilmente, mas não anulo todas as possibilidades, essas vão sentir interesse em fazer parte de uma revolução feminista libertária que envolvam temáticas como liberdade sexual ou aborto, mas assuntos levantados pelo movimento da temperança e também a luta sufragista podem ser uma abordagem para iniciar um diálogo.

Embora seja necessário existir críticas à religião, penso que a depender dos argumentos usados e da força com a qual essa abordagem seja feita muitas mulheres religiosas fecham-se em suas “verdades” e criam repulsa desenvolvendo assim um sentimento antifeminista. Apresentar para essas mulheres a existência religiosas ligadas ao início dos movimentos que hoje podemos decodificar como feminismo talvez seja um caminho para a quebra de estereótipos e sequencialmente a conquista dessas mulheres para a reformulação da esfera religiosa sem que elas se sintam pecaminosas pois não seria necessário abrir mão de sua fé.

4. CAPITULO 3: ANÁLISES DE PASSAGENS DA BÍBLIA E SUAS MULHERES

4.1. MACHISMO ESTRUTURAL RELIGIOSO

Alguns contextos cristãos de cunho tradicional, apoiam-se em uma declaração do Apóstolo Paulo, influente escritor cristão, para estabelecer uma doutrina que restringe as mulheres ao silêncio proibindo-as de qualquer iniciativa de liderança:

“Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz. Permaneçam as mulheres em silêncio.” (1 Coríntios: 14:33-34)

Nesse texto Paulo diz para as mulheres fazerem silêncio na igreja, e muitos religiosos defendem que essa proibição seja algo absoluto mas contraditoriamente em outras passagens

bíblicas Paulo refere-se a algumas mulheres que possuem papel de liderança na igreja da época, o que nos leva a questionar qual o contexto e qual o motivo da sua primeira fala, e ainda que Paulo usa-se de sua autoridade para impossibilitar as mulheres a terem voz dentro da igreja a religião Cristã não refere-se a Paulo, e sim a Jesus, ainda que de fato Paulo tivesse um posicionamento de negativa a presença e a importância das mulheres no contexto Cristão, cabe as mulheres cristãs uma interpretação a respeito da trajetória de Jesus que legitimou a presença das mulher em seu ministério e por assim na inclusão da sociedade. Os escritos e falas de Paulo são carregados do seu contexto histórico e cultural, logo defendo que sua fala não tem validade para nossa época, e defendo que o pensamento de Paulo reflete sua opinião pessoal carregada pelo machismo Judaico cristão da época e greco-romano. E se Paulo não era machista, ele era covarde, pois reproduziu dentro do seu contexto religioso o que era reproduzido dentro do seu contexto cultural e social. No entanto, as mulheres são o maior número de membros em igrejas. Faz-se necessária uma leitura e real estudo a respeito da trajetória de Paulo e de suas falas dentro dos relatos bíblicos.

Referindo-se ao relato citado anteriormente não posso afirmar sobre qual contexto o apóstolo pede que as mulheres se mantenham em silêncio, mas pelo fato de o apóstolo ser muito influente na cultura cristã, pois parte significativa do Novo Testamento é de sua autoria. Ter ordenado que as mulheres mantivessem em silêncio traz uma tendenciosa compreensão aos homens da cultura cristã o acesso à liberdade e ao poder de fala exclusivamente masculino. Encontram-se relatos do Apóstolo Paulo onde o mesmo valida a importância de mulheres na trajetória do cristianismo, como, por exemplo, no livro de Filipenses 4:3 onde encontra-se uma carta que o autor informa sobre o trabalho de duas mulheres: Evódia e Sintique, nessa carta ele pede que os seus irmãos de fé as auxiliem em suas trajetórias de liderança na igreja de Felipo.

O que desejo é que Evódia e também Síntique vivam em harmonia no Senhor. Sim, e peço a vocês, leais companheiros de jugo, que as ajude; pois lutaram ao meu lado na causa do evangelho, com Clemente e meus demais cooperadores. Os seus nomes estão no livro da vida. (Filipenses 4:2,3)

Paulo também se refere a outras personagens femininas com relatos de gratidão, uma delas trata-se de Priscila que assim como Paulo, sua profissão era confeccionar tendas que era um ofício bastante valorizado naquela época já que boa parte da população do oriente era nômade, então abitavam em tendas. Paulo ao sair de Atenas,

na Grécia, e se deslocado para Corinto conheceu Aquila e Priscila que tinham chegado da Itália, pois o Imperador Cláudio havia mandado que todos os judeus saíssem de Roma e fossem para Corinto. Paulo juntamente a Priscila e a Aquila exerciam o trabalho missionário de levar o evangelho. No livro de Romanos, Paulo menciona sobre Priscila e Aquila e sobre a sua gratidão pelo período em que viveram juntos.

Mando saudações a Priscila e a Aquila, meus companheiros no serviço de Cristo Jesus. Esses arriscaram as suas vidas por mim. Sou muito gracinado a eles, e não somente eu, mas também a toda a igreja. Saudação também a igreja que se reúne na casa deles. Saudação a Maria, que tem trabalhado muito por vocês. Saudação a Andrônico e à Júnica, que estiveram comigo na prisão. Elas são apóstolos bem conhecidos e se tornaram cristãos antes de mim (Romanos 16:3-7).

Essa carta é extensa e outros nomes femininos são citados, e no versículo 17 ao 18 Paulo escreve:

Meus irmãos, peço que tomem cuidado com as pessoas que provocam divisões, que atrapalham os outros na fé. Afastem-se dessas pessoas, porque os que fazem essas coisas não estão servindo a Cristo, o nosso Senhor, mas a si mesmos. Por meio de conversa macia e com bajulação, eles enganam o coração das pessoas simples. (Romanos 16: 17 – 18)

As vertentes cristãs com cunho tradicional tendem a intensificar a fala inicial de Paulo sobre as mulheres estarem em silêncio na igreja. Paulo menciona sobre a enganação do coração de pessoas simples, e muito do que se presencia dentro o contexto religioso é a falta de conhecimento da Bíblia. Existem infinitas linhas do cristianismo, mas como a base tende a ser a Bíblia, cabe aos adeptos da fé buscarem na mesma, embasamento sobre o que se é defendido ou não. Mas percebe-se que para muitos a leitura bíblica, o culto e a vivência cristã de um modo racional parece ser incorreta.

No Novo Testamento, Jesus relata que as pessoas do seu tempo viviam as leis ditadas pelos costumes culturais e religiosos, mas não viviam o amor. Com isso, compreendemos o reflexo que essa prática tem nos dias atuais, principalmente no que cerne a relação da valorização do papel feminino dentro do contexto religioso e social. Quando questiono a valorização da imagem feminina, não busco a adoração as mulheres, compreendo através da prática da fé cristã, da qual professo, que o protagonista do cristianismo e também da Bíblia é Jesus e não quero fazer inferências. Busco possibilitar uma linha de compreensão que Deus

não é inimigo das mulheres, e que apesar de ser comum associar a trajetória de Jesus na companhia de seus doze amigos, através de leituras bíblicas podemos ver que mulheres também tinham uma relação de amizade e de companhia com Jesus. E essa proximidade, abertura e espaço que Jesus deu às mulheres significou uma ruptura com a realidade imperante de sua época e dando assim um novo tipo de convivência que desobediencia a ordem patriarcal de subordinação vigente na época, ensinando a igualdade entre homens e mulheres.

A decisão de Jesus em eleger doze homens para serem seus discípulos e a abordagem desses personagens como amigos de Jesus fortalece a mentalidade religiosa de que é dado ao homem o direito de desenvolver o papel de liderança espiritual, porém a convivência de Jesus com esses homens era a mesma com mulheres e a própria Bíblia mostra diversas passagens onde várias mulheres acompanhavam a trajetória de Jesus e cita personagens como suas amigas, podendo citar Marta e Maria e a própria Maria Madalena que está presente em diversas passagens bíblicas, assim como a Bíblia relata a história de várias mulheres que foram curadas por Jesus e assim passaram a lhe seguir.

Podendo citar a ousadia que Jesus, enquanto homem judeu, teve em romper com uma barreira histórica ao conversar com uma mulher Samaritana. A Bíblia relata sobre a inimizade do povo Judeu com outro povo denominado Samaritano, perpetuado por um preconceito sociocultural, essa inimizade deu início quando o último rei de Israel, Oseias, conspirou contra o rei da Assíria chamado Salmanasar.

“O rei da Assíria trouxe gente de Babilônia, de Cuta, de Hamate e de Serfavaim, e a fez habitar nas cidades de Samaria, em lugar dos filhos de Israel; tomaram posse de Samaria e habitaram nas suas cidades” (2 Reis 17.24).

A mistura dessa nova população juntamente a já existente deu origem a uma nova raça chamada samaritanos. Quando os judeus voltaram para suas terras, após conseguirem ser libertos da escravidão na Babilônia, o livro de Esdras diz que Samaritanos tentaram ajudar na construção, mas que sua oferta foi negada.

“Deixa-nos edificar convosco, porque, como vós, buscaremos a vosso Deus, como também já lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir para aqui” (Esdras 4:2). Tendo como resposta: “Nada tendes conosco na edificação da casa do nosso Deus” (Esdras 4:3).

Com isso os Samaritanos em o seu próprio em outro local chamado monte Gerizim.

Flávio Josefo que é um historiador judeu, em sua construção “A Missão da Igreja”, (Missão Editora, Belo Horizonte,1994) fala que em meio os anos 19 alguns samaritanos profanou o templo de Jerusalém espalhando ossos humanos sobre o altar. A relação desses dois povos era permeada por afrontas, e os judeus encerravam as suas orações com maldições sobre o povo samaritano. No livro de Jo 8.48 e no livro de Eclesiástico 50, apresentam fatos sobre a aversão do povo judeu sobre os Samaritanos assim como no livro de Lucas 9.51-53 mostra essa aversão também por parte dos Samaritanos.

Embora toda a discórdia histórica, a bíblia relata no livro de João 4 que Jesus saindo de Judéia em direção a Galileia decidiu passar antes em Samaria, lugar onde os Judeus não iam, em João 4:4 relata que “Era necessário, passar por Samaria.”, compreendo que esse termo necessário se refere a necessidade que Jesus tinha em quebrar esse paradigma e não necessário no sentido de trajetória. No capítulo 4 do livro de João, relata que Jesus chegando à entrada da cidade de Samaria, era a hora sexta e devido ao seu cansaço físico Jesus sentou-se junto de uma fonte chamada Poço de Sicar, logo depois uma mulher se aproximou para tirar água e com isso Jesus lhe pede um pouco de água.

“Disse-lhe, pois, a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher e samaritana? (João 4:9)

Seguindo o diálogo entre eles, o capítulo 27 mostra a chegada dos seus discípulos e a surpresa deles em ver que Jesus estava conversando com uma samaritana: “E nisto vieram os seus discípulos que ficaram surpresos em vê que Jesus estava conversando com uma mulher samaritana; todavia nenhum lhe disse: Que perguntas? ou: Por que falas com ela? (João 4:27). No desenrolar do relato bíblico a passagem mostra que a mulher entra na cidade e chama mais pessoas para conhecer Jesus:

E muitos dos samaritanos daquela cidade creram em Jesus, pela palavra da mulher, que testemunhou: Disse-me tudo quanto tenho feito. Indo, pois, ter com ele os samaritanos, rogaram-lhe que ficasse com eles; e ficou ali dois dias. E muitos mais creram nele, por causa da sua palavra. (João 4:39-41)

Pelo simples gesto de viajar pela cidade de Samaria, por ter tido a ousadia de pedir água e conversar com uma mulher Samaritana, Jesus mostra a necessidade de que barreiras de preconceito racial e sexista sejam derrubados.

No contexto de tempo do Novo Testamentos homens podiam conversavam com mulheres, mesmo que suas esposas, em público. Em alguns encontros religiosos, por uma livre interpretação, pode ser compreendido que a mulher samaritana não tinha uma boa convivência com os outros samaritanos. Levando em consideração que na cultura em que viviam, o fato das mulheres não poderem falar com os homens possivelmente também estavam privadas de saírem sozinhas da sua cidade, compreendendo que a hora sexta seria meio dia o sol deveria estar muito forte e a mulher samaritana estar indo buscar água nesse horário pode significar que ela não queria se encontrar com outras pessoas e possivelmente dentro de Samaria teria mais poços, mas a mulher estava colhendo água em um poço na entrada da cidade o que pode ser lido como se tratasse de uma mulher marginalizada.

O livro de Mateus mostra uma passagem a respeito da lei da pureza, era um período Sabático para a cultura dos judeus e os discípulos de Jesus foram julgados como impuros por terem colhido espigas de trigo e removeram os grãos esfregando as espigas com as duas mãos. No livro de Marcos fala sobre a ablução ritual das mãos, conforme as acusações de impureza devido a prática para se alimentar, Jesus disse:

“Não há no exterior do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que o torna impuro.” (Marcos 7:15)

Outra lei do antigo testamento que utilizaram para confrontar Jesus sobre a sua opinião pessoal foi a Lei do divórcio.

“Alguns fariseus se aproximaram de Jesus com o fim de colocá-lo a prova e perguntaram: É permitido ao marido se divorciar de sua esposa por qualquer motivo? Jesus responde: Vocês nunca leram as Escrituras que dizem: “No princípio o Criador os fez homem e mulher? Depois, ainda, Deus disse: “Por isso o homem deve deixar seu pai e sua mãe e unir-se à esposa e os dois serão um só.” Assim, eles não são mais dois, mas sim um só. Portanto, que nenhum homem separe o que foi unido por Deus. Mas os fariseus tornaram a perguntar a Jesus: Por que, então, Moisés mandou dar carta de divórcio a esposa? E Jesus respondeu: Moisés fez isso por causa da dureza do coração de vocês, mas no princípio da criação não era assim. Eu, porém, lhes digo: Se um homem se divorciar de sua esposa sem ser por motivo de adultério e se casar com outra mulher, esse estará cometendo adultério.” (Mateus 19: 3-9)

Contextualizando, os Fariseus eram um grupo de homens judeus devotos do Torá, surgidos no século II a.C., homens religiosos e estudiosos da cultura e da fé judia, o

evangelho trás vários relatos de Jesus fazendo críticas aos Fariseus e também mostra diversas vezes que esses religiosos perseguiram Jesus testando o seu conhecimento sobre as escrituras com intuito de contradizer suas palavras para que pudessem condená-lo. A respeito da passagem citada, Jesus é colocado a prova sobre a sua compreensão e seu conhecimento das leis da época, quando Jesus diz:

“Portanto, que nenhum homem separe o que foi unido por Deus”. Compreendo que ele usa de crítica a forma como o matrimônio era administrado, Jesus posiciona-se contra o divórcio, pois esse era realizado de forma banal, considerando que a lei dizia que:

“Quando um homem tiver consumado o matrimônio com uma mulher, mas esse perceber nela algo inconveniente, ele lhe escreverá então uma ata de divórcio, deixando-a em liberdade” (Deuteronômio 24:1).

O livro de Deuteronômio era um guia das leis sociais e religiosas para o povo judeu, portanto compreendo que Jesus era contra a prática do “repúdio” ou “devolução” das mulheres em sua cultura, pois a lei deixa claro que o homem encontrando algo que ele julgue como inconveniente em sua esposa, esse poderia entregá-la uma ata (carta) de divórcio, contudo, embora pareça absurda essa lei, ainda no livro de Deuteronômio mostra a consequência que uma mulher pega em adultério deveria sofrer:

“Quando um homem for achado deitado com mulher que tenha marido, então ambos morrerão, o homem que se deitou com a mulher, e a mulher; assim tirarás o mal de Israel.” (Deuteronômio 22:22)

“Se um homem se divorciar de sua esposa sem ser por motivo de adultério e se casar com outra mulher, esse estará cometendo adultério.” (Mateus 19:9)

Logo, embora absurda, a lei deixava claro que penalidade deveria ser aplicada aos dois gêneros, porém não existia a prática de repúdio ou devolução para que as mulheres pudessem aplicar em seus maridos, nem tão pouco existem relatos na Bíblia de homens que foram apedrejados por terem cometido adultério. Como cristã compreendo que em momento nenhum Jesus veio ao mundo para mudar por completa as leis da sua época, sabendo que seria um trabalho impossível conseguir mudar todo regimento estrutural que perpetuava por séculos, porém em suas falas percebe-se que Jesus apresenta uma outra ótica a respeito do cumprimento das leis, em suas falas e ações, Jesus traz reflexões cheias de justiça e amor.

A violência contra a mulher é um fator de extrema importância a ser tratado e necessário perceber a crescente estimativa de Violência doméstica dentro da cultura cristã, durante o ano de 2016 ao ano de 2018 fui estagiária do GEDEM – MPBA, órgão que atua no atendimento e enfrentamento da violência doméstica, e em minha atuação pela sistematização de dados de denúncias sejam elas presenciais ou através do Disque 180, no preenchimento de identificação das vítimas a maior parte se declarava como cristã, porém como não disponho de dados pessoais para confirmar essa informação trago uma matéria realizada pelo site dos Correio24horas em 10.07.2017 no Loreta Valadares, Centro de referência de Atenção a Mulher, que relatou a história da aposentada Vanúcia dos Santos de 48 anos, membra da Igreja Assembleia de Deus em Lauro de Freitas, Região Metropolitana de Salvador. Evangélica há mais de oito anos, era uma religiosa fervorosa que tinha sua vida envolvida por orações, no dia 23 de junho, pediu ajuda da nora para participar com ela de uma ‘campanha de oração’ para o companheiro, do qual estava separada por algumas semanas. Vanúcia acreditava que seu marido, o marceneiro José Cosme Alvez de Brito de 51 anos estivesse sofrendo de alguma doença espiritual, pois fazia muito uso de bebida alcoólica, tinha relações fora do casamento e era violento com ela. No dia 24 de junho Vanúcia foi vítima de feminicídio após ser esfaqueada por Jose Cosme. Da mesma forma que essa mulher sofreu calada muitas outras evangélicas tem sofrido, e a matéria dos Correios24horas informa que o centro Loreta Valadares em sua maioria atende a mulheres evangélicas, porém essas mulheres não vão até a delegacia registrar denúncias. A própria Vanúcia nunca havia buscado a polícia, muito menos mostrava para sua família o que acontecia na convivência particular do casal. Diante de toda sua fé, Vanúcia acreditava que seu casamento poderia ser restaurado através de orações, “Ela acreditava que, se foi Deus que deu o casamento, ele (Deus) também restauraria aquela união”, conta a nora da aposentada, sem se identificar.

Mulheres evangélicas são valorosas. Mantêm a fé com Deus, creem na libertação. Então, eu creio que o próprio Deus se encarrega de cobrar essas coisas que fazem mal a elas”, completa a nora. José Cosme foi espancado pela população, após cometer o crime. Desde o dia 24 de junho, ele está internado no Hospital Geral do Estado (HGE) e não foi ouvido pela polícia, mas o pedido de prisão preventiva já foi concedido pela Justiça.

A matéria dos Correios 24 horas informa que das 112 mulheres que chegaram ao centro Loreta Valadares no primeiro semestre do ano de 2017, 37 eram evangélicas,

representando assim em torno de 33% do total. Sabendo que a população evangélica de Salvador de acordo com o último Censo, era de 19,6%. A maioria (88%) das que buscaram o Loreta eram negras, estudaram até o Ensino Médio (44%) e tinham renda de menos do que um salário mínimo (30%). Em pesquisas como o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher de 2014, editado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência, os dados são parecidos: as mulheres negras são maioria (59,4%), por exemplo.

Um dos dados mais conhecidos sobre violência doméstica e religião é da pesquisadora Valéria Vilhena, doutora em Educação e História Cultural, autora do livro “Uma Igreja sem Voz” (2011), e uma das fundadoras da Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG). A pesquisa que Valeria desenvolveu em seu mestrado informa que 40% das mulheres que foram vítimas de violência doméstica professavam a fé cristã. Ela diz que é muito comum que mulheres religiosas em situação de violência deixem ‘nas mãos de Deus’ para solucionar os problemas. “A violência do agressor é combatida pelo ‘poder’ da oração. As fraquezas de seus maridos são entendidas como ‘investidas do demônio’, então, a denúncia de seus companheiros agressores as leva a sentir culpa”. Valéria diz que a igreja é um dos responsáveis dos feminicídios, mas também tem o poder para fazer parte da solução desse problema. Família e local religioso precisam ser ambientes de segurança, amor e acolhimento não de medo e dor. As pessoas que frequentam a igreja, seja seus líderes religiosos ou membros, esses precisam ter a mentalidade de que quando a violência física aparece em uma relação, as mulheres já sofreram diversos outros tipos de violências, como a verbal e também psicológica.

Enquanto pesquisadora dos estudos de gênero e pela experiência adquirida nos dois anos como estagiária no enfrentamento a violência doméstica, observo que a violência doméstica por muitas vezes é realizada inicialmente de forma sutil, e segue um percurso onde agrava-se, e não necessariamente a mulher torna-se vítima de violência doméstica apenas se existir uma agressão física, porém atitudes que mexam em sua moral, com sua vida financeira e com sua estabilidade psicológica também são caracterizadas como violência doméstica, logo calúnia, difamação, constrangimento, vigilância constante de suas atividades assim como o isolamento de sua família e amigos é caracterizado como violência doméstica.

Sabendo que o silenciamento dessas mulheres e a alienação de que seus companheiros podem estar sofrendo de influências malignas ao cometerem agressões, autoriza a aceitação do sofrimento dessas mulheres. Falo aqui sobre a violência física que muitas vezes resulta no crime de feminicídio, porém a violência sexual por muitas vezes é invalidada dentro do contexto do casamento. Dentro da realidade religiosa onde as famílias tendem a ser mais

conservadoras o ato sexual sem interesse feminino possivelmente seja naturalizado, já que essa encontra-se como um ser submisso a figura do marido.

Contextualizando que relação sexual sem consentimento, independente se trata-se de um casal, refere-se a estupro, o sexo torna-se a ferramenta para a violência. “A partir do momento que o sexo masculino percebeu que sua genitália poderia servir como arma para povoar o medo, passou a usar o sexo como mecanismo de dominação das mulheres, crianças e, até mesmo, de outros homens.” (LARA, B., 2016). Nesse sentido, o estupro foi erigido à categoria de tática de guerra. São frequentes os exemplos de estupros coletivos na história. É o caso da Segunda Grande Guerra, em que se estima que cerca de 100 mil mulheres tenham sido estupradas pelos exércitos soviético, americano e francês apenas em Berlim e 2 milhões no território alemão; recentemente, tivemos o caso do grupo terrorista Boko Haram que sequestrou, pelo menos, 2 mil mulheres e meninas para serem usadas e vendidas como escravas sexuais (LARA, B., 2016). Não se deve esquecer que o estupro não era/é considerado uma ofensa à pessoa da mulher, mas sim à sua família, isto é, era uma forma de destruir o clã ao qual ela pertencia. Não sendo a mulher uma pessoa em si mesma, mas apenas um objeto, a violência contra ela retirava do patriarca a possibilidade de usá-la em alianças com outras famílias, por meio do matrimônio. Porque seu valor de troca era a virgindade (LARA, B., 2016).

As discussões sobre violência contra a mulher, o relato do feminicídio apresentado e todos os questionamentos que surgem por esses crimes torna-se gritante a percepção da urgência das igrejas serem mais abertas as problemáticas da atualidade, a urgência do reconhecimento que a maioria dos seus fiéis são mulheres, e que essas mulheres precisam de assistência para além de assistência espiritual.

Enquanto cristã e por participar da convivência em igrejas afirmo que muitas apresentam propostas interessantes e importantes como centro de recuperação para dependentes químicos, algumas prestam atendimento jurídico e psicológico, assim como atendimento médico ou odontológico, todos prestados de forma voluntária por profissionais da mesma igreja, assim como ações sociais, porém penso que tal atitude é de dever das instituições, as atitudes de responsabilidades sociais são a razão pela qual os legisladores concedem imunidades tributárias as instituições religiosas, assim sendo os beneficiados de tais renúncias fiscais deveriam ser “obrigados” na promoção de atividades de interesse da sociedade como um todo, não apenas dos seus membros, principalmente a respeito da problemática da violência doméstica, enfim abordagens e atividades sociais de forma integral e necessária. Mas também por fazer parte desse meio religioso, afirmo a necessidade de um

diálogo mais aberto nas reuniões a respeito dos assuntos atuais, a importância da não romantização do casamento e embora exista um “acompanhamento” próximo aos fies, que muitas vezes é realizado por grupos diferentes (grupos de idosos, grupos de mulheres, grupos de homens, grupos de jovens, grupos de crianças,...) o que facilita a aproximação e a construção de vínculos, esse acompanhamento dessas relações precisam ser realizadas de forma que expanda-se da esfera religiosa, da “busca” espiritual, acredito e também a própria matéria afirma que o que leva a essas mulheres a não denunciarem as violências sofridas é a vergonha, portanto se esses grupos fossem mais “humanos” sem julgamentos, muitas das mulheres acometidas por esse mal teriam abertura e apoio para denunciar seus algozes.

4.2. CORPO E CULPA

Considero que a culpabilização é em essência, um ato de poder. O processo histórico de culpabilização do corpo feminino é uma temática que permeia por várias problemáticas. Por séculos o corpo da mulher foi identificado como moradia do demônio, sendo que os termos mulher, corpo, sexualidade e demônio, associam-se em uma mesma cadeia.

Nos espaços cristãos de debate religioso, a sexualidade feminina é vista como a primeira causa do pecado que resulta na morte, sustentadas sobre o relato bíblico de Genesis 3, onde trata-se do pecado original. O Teólogo Erhard Gerstenberger em sua obra "Javé, o Senhor: um Deus Patriarcal e Libertador?" (1989) afirma ser um equívoco afirmar que a mulher é relacionada ao pecado desde o início da existência do povo de Israel.

O autor sustenta em sua obra que:

“na época pré-exílica, os papéis masculinos e femininos não tinham valorização teológica parece que está vinculada ao conceito de Deus único. A minha suspeita é que o conceito de um Deus único e masculino ainda não se havia imposto totalmente na reflexão israelita antes do Exílio.” (Gerstenberg, 1989, p. 11)

Contextualizando a época exílica: Perigoso em que os Judeus eram escravos na Babilônia. E é nesse período que aparecem relatos sobre as atividades dos profetas do Antigo Testamento como Jeremias, Ezequiel e Daniel. Gerstenberger afirma que no livro Isaías I é possível compreender que na antiga Israel, o conceito de pecado era diferente, não relacionando-se a mulher, o pecado tinha como base a perda da dimensão de: Justiça, direito e partilha de bens, que nessa época tratava-se das terras e dos frutos que ela poderia dar.

No livro de Gênesis presenciamos o relato sobre o pecado cometido por Adão e Eva, embora o contexto dessa passagem por muitos é interpretado como justificativa para a

culpabilização feminina, considero que a partir de uma leitura despreziosa verificamos a inexistência da menção da sexualidade como causa do mal. Nada refere-se a uma possível relação sexual, o que ocorre é a abertura dos olhos, a percepção da nudez.

“E ambos estavam nus, o homem e a mulher, e não se envergonhavam... E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; colheram folhas de figueira e fizeram para si roupas.” (Gn 2:25; 3:6-7)

A história mostra que antes de desobedecerem a ordem estipulada de não comerem do fruto proibido Adão e Eva andavam nus pelo jardim do Éden, logo a sexualidade não é razão para culpabilização nem tão pouco para justificativa de pecado, embora a passagem informa que após comerem o fruto do conhecimento do bem e do mal eles perceberam que estavam nus essa interpretação refere-se a consequência da desobediência de ambos e não literalmente a percepção do corpo nu, refere-se à percepção da vulnerabilidade humana e da dependência que eles tinham de Deus e o medo de quais consequências aquela escolha lhes trariam.

“O pecado original possui duas faces: é o deixar-se seduzir (tentação) pela promessa de bens maiores do que os possuídos (como se houvesse alguém mais potente do que Deus para distribuí-los) e é transgressão de um interdito concorrente ao conhecimento do bem e do mal. Seu primeiro efeito: a descoberta da nudez e o sentimento da vergonha, de um lado, e o medo do castigo, de outro. Seu segundo efeito: a perda do Paraíso.” (CHAUI, 1984, p. 86).

A possibilidade de estarem afastados de Deus pela perda do Paraíso é compreendido como a queda do ser humano, e essa lógica de perigo de queda estabelece um modelo ideal de comportamento que é o de ser obediente a Deus. A religiosidade por séculos defendeu que o sexo fora do casamento e para fins que não sejam de procriação era um ato pecaminoso e como no contexto religioso cristão a maior figura feminina refere-se a mãe de Jesus e essa carrega a imagem de virgem, o corpo feminino religioso carrega o estigma e a necessita de corresponder a essa expectativa de pureza e santidade.

Dentro da premissa de submissão feminina perpetuado pela religião e culturalmente normalizado forma-se a lógica da submissão sexual, isso consegue ser percebido na forma como as regras de conduta e de comportamento sofrem consequências distintas entre homens e mulheres. Enquanto o impulso sexual masculino por séculos é dado como algo inerente ao

seu instinto biológico, nas mulheres historicamente o seu instinto tem que ser calado aos desejos naturais e hormonas, personificando a necessidade de uma figura pura e casta.

No novo testamento o Apostolo Paulo fala em coríntios 7 que o corpo da mulher pertence ao seu marido assim como o corpo do seu marido lhe pertence, no entanto, a lógica religiosa da submissão da esposa ao seu marido cala esse “poder” feminino o que reforça a prática de abusos dentro dos próprios casamentos já que compreende-se que o corpo da mulher é uma posse do seu “dono”. Dentro do contexto religioso o caminho do conhecimento do próprio corpo feminino e a descoberta do prazer sexual de forma individual é visto como pecado, e existe a necessidade de vigilância constante para que esse corpo que deve ser recatado não desperte lascívia no corpo masculino. No livro “Marias” o conto “Dá-me a tua mão, ó virgem”, de Janaína Azevedo, a autora passeia entre símbolos religiosos e a sexualidade em um conto erótico embasado na repressão sexual feminina onde o desejo sexual é a motivação do afastamento de uma jovem chamada Fátima ao sagrado. O conto brinca e expressa o distanciamento do sagrado ao profano e representa o sexo como algo velado e que fere a dignidade espiritual.

A história apresenta Fátima como uma jovem receosa por carregar muito desejo sexual, existe outro personagem que é a figura de uma mão misteriosa que desperta esse interesse na jovem e que lhe persegue.

“Escuto a porta bater e sinto: a mão abre a porta e se aproxima de mim, novamente. Os passos são sempre tão leves. Finjo dormir.
A mão macia alisa meu cabelo, minha pele e eu me mexo. A mão tem medo e foge. A porta volta a bater teimosa, e ainda ouço os passos leves no corredor, depois voam.”

(AZEVEDO, 1999, p.12)

O conto inicialmente pode ser compreendido como a prática de masturbação feminina e ao decorrer percebemos que a mão representa Maria mãe de Jesus. A história é finalizada com um relato sexual entre Fátima e Maria, nova ajudante da sua mãe, mas que pode ser interpretado como um ato fantasioso da jovem pelo fato de sentir-se atraída sexualmente pela virgem Maria.

Se a experiência erótica feminina, na literatura, é problemática porque invade um espaço masculino, a representação da sexualidade lésbica é ainda mais problemática, pois rompe com as relações dominantes de gênero, ao excluir a figura do homem e

colocar a mulher em uma posição de sujeito atuante, em vez do papel tradicional de objeto do desejo masculino. (GLORIA, 2008, p. 60).

Pela lógica da perpetuação e importância que a religiosidade dá a virgindade, imaginar um corpo feminino que busque o seu próprio prazer de forma individual notoriamente associa-se ao pecado, e o conto erótico quebra a ideia do corpo feminino como um santuário passando da imagem de um ser com ausência de desejos para uma identidade feminina com conhecimento do seu corpo e dona do seu próprio prazer.

4.3. O PECADO ORIGINAL

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: - Foi isto mesmo que Deus disse: “Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?” -Podemos comer do fruto das árvores do jardim, mas Deus disse: Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele; do contrário vocês morrerão. - Certamente não morrerão! Quando a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento, tomou do seu fruto, comeu-o e o deu a seu companheiro, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas-de-figueira para cobrir-se. (Gênesis 3:1- 24)

O pecado original tem sido associado a desobediência como um incentivo da mulher, que teria se entregue a tentação e seduzido o homem a também pecar. Essa passagem bíblica foi ao longo da história, e ainda é por alguns religiosos, diversas vezes utilizada para referenciar a mulher o papel de culpabilização pelo pecado original assim como a aliciadora do homem ao pecado. Esse novo personagem, a serpente, por uma interpretação científica, apresentava-se historicamente como um dos perigos que a mesma representava naquela época em que o povo vivia no deserto sendo também expressa uma crítica as idolatrias existentes.

No antigo oriente a serpente representava a fertilidade (Canaã) e força política (Egito), pelo fato dela simbolizar a fertilidade no passado muitas vezes já foi dada a interpretação dessa passagem como um ato sexual, onde seria a promessa que a serpente fez a Eva de ter conhecimento sobre o bem e o mal, como o máximo de prazer derivado da união sexual. Nisso surge a ideia da mulher como o princípio do prazer com o papel de conduzir o homem ao mesmo caminho, contraponto a necessidade da mesma ser submissa de modo que não leve o homem a se desviar da adoração ao único Deus, assim como a demonização do sexo e do

prazer sexual da mulher. A importância na análise dessa passagem não se dá sobre o real significado da serpente, e sim sobre a forma de sua abordagem feita a mulher, quando levanta um questionamento em que distorce a verdade quanto a proibição referente a todas as árvores do jardim seguindo de forma tendenciosa a desfigurar a imagem de Deus induzindo o ser humano a enxergá-lo como um ser tirano com sede de poder desordenado sobre o homem (e a mulher), e também a figura do ser humano como desejoso a obter a condição de Deus ao rejeitar sua condição humana.

Durante séculos uma má interpretação dessa passagem reforça que a mulher seria mais suscetível a sedução pelo fato da serpente não abordar o homem e sim a mulher, salientando que essa interpretação é insustentável, ao meu ver, pois tanto o homem quanto a mulher possuem a liberdade de escolha entre o bem e o mal. Cada um é responsável pelas suas decisões. Outra característica que vem acompanhada da imagem da mulher nessas passagens bíblicas é a capacidade de diálogo, o ato de comunicar-se, enquanto o homem não aparece nas citações com fala, apenas rende-se a tentação de obter poder após comer o fruto. O sexismo religioso é tão forte, que essa passagem quase nunca é analisada sem existir o reforço na culpabilização da mulher em relação ao pecado. Compreende-se que dentro de um contexto de fé se faça uma leitura da bíblia com intuito de edificação espiritual, mas durante séculos foi realizada uma interpretação com propósito de subalternização do outro, sendo essa perspectiva de leitura um reforço e legitimação de toda violência histórica sofrida por mulheres e todos aqueles que encontram-se em situação de subalternização: Crianças, Doentes, Estrangeiros e Mulheres.

Eva é um personagem que desempenha ação, ela dialoga com a serpente, que na mitologia antiga simbolizava sabedoria.

Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano. Mulher, tu és a porta do diabo. Poste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violentaste a lei divina. (Citado por Delumeau, (1990, página 316); De cultu feminarum, em Corpus Christianum, serie latina, obras de Tertuliano, (p. 343)

Tertuliano foi um escritor e pensador muito respeitado e representativo no Século I, no período da Idade Média, que reforçava a ideia da demonização do corpo feminino. Historicamente muitas mulheres optaram pelo celibatário, visto que essa escolha trazia algumas vantagens sociais, atenuando a vantagem da não obrigação de serem

submetidas ao casamento. Tendo também como vantagem as possibilidades para viajarem e também para estudar, vantagem inclusive mencionada e vivenciada por Ivone Gebara em um evento do qual pude estar presente.

4.4.A CRIAÇÃO

Façamos o homem (singularidade) à nossa imagem e semelhança e que eles dominem (pluralidade) (Gênesis 1:26-28)

Sabe-se que durante séculos o termo homem é utilizado para denominar genericamente a espécie humana independente de qual sexo esse venha pertencer, inicialmente o livro de genesis mostra um relato de criação indicando a igualdade entre homem e mulher, pois esses possuíam a imagem e sem semelhança de Deus. Mas pelo fato do pronome utilizado para Adão e para Deus serem masculinos traz a interpretação de que os homens seriam apropriadamente a representação de Deus.

Façamosmo homem à nossa imagem, a nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os repteis que rastejam sobre a terra. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que sobre a terra. (Gênesis 1:26,28)

A passagem não orienta que um domine sobre o outro, o que é destinado a ambos é que desempenhem cuidado e dominio sobre tudo aquilo exterior ao ser humano. A mulher não é complemento do homem e vice-versa, ambos possuem totalidade com características pessoais próprias e específicas, mas o processo histórico, social e religioso difundiu a inversão dessa totalidade utilizando o livro de Gêneses em uma interpretação que gera um fio condutor para a inferiorização da mulher, principalmente na leitura em que se detalha a criação de Eva pela retirada de parte da costela de Adão, onde mesmo assim deixa claro que em momento nenhum o homem não criou a mulher. A passagem mostra que a mulher foi criada por Deus e a lógica do uso de uma costela masculina forma uma perspectiva de reciprocidade, sendo a mulher aquela que está lado a lado do homem não atrás ou abaixo.

O preceito da primogenitura das tradições reforçou durante séculos a justificativa de inferiorização da mulher em relação ao homem relacionando-se a anterioridade da criação do homem dando-lhe o sinônimo de superioridade. Uma vez que culturalmente a primogenitura atribuía o poder de chegia política e religiosa tornava-se necessária a justificativa religiosa para que essa condição permanecesse intocável, desse pressuposto nasce a desigualdade familiar e social onde encontravam-se nós mulheres, submetidas a condições de propriedades do irmão primogênito. Mesmo que a passagem da criação da mulher seja posterior à criação do homem o relato mostra a criação da mulher como necessária na conclusão da obra divina, Deus percebe o homem como um ser que mesmo em sua totalidade não é pleno e que precisa relacionar-se, precisa de interação social, que não era bom que este estivesse só.

Além de Agostinho outros pensadores, como Aristóteles, possuíam uma extrema misoginia em seus posicionamentos, sabendo que esses homens foram responsáveis na formação do pensamento da humanidade. No período da Idade Média não só a sexualidade como outros fatores biológicos das mulheres carregava um estigma demoníaco, o sangue menstrual era um desses fenômenos. Tratando sobre estruturas biológicas a medicina antiga estendia até o século XVII a compreensão que o corpo da mulher era uma versão menos perfeita que o corpo do homem, sendo o oposto incomensurável do masculino. Os órgãos femininos, vagina e útero, considerados a partir do primeiro modelo como “versões interiores do que o homem tinha do lado de fora” (LAQUEUR, 2001, p. 8).

O controle sobre o corpo feminino e a insistente designação de culpa é uma maneira de manipular o direito de escolha da mulher, produzindo desta forma no inconsciente feminino o sentimento de insegurança. Considero que a desconstrução do estigma de Culpa é uma jornada de reparação extensa, trabalhar em cima desta perspectiva é um caminho necessário para a reparação de um dos fatores responsáveis pela opressão feminina. Compreender o corpo feminino como criação e semelhança divina é uma das alternativas deste processo, apropriando-se da passagem bíblica que afirma que o homem assim como a mulher foram feitos a imagem e semelhança de Deus. Apropriar-se do próprio corpo, não mais sucumbir permissivamente como instrumento de controle de poder do outro, mas sim um instrumento de controle pessoal e de libertação.

4.5.DEUS PAI, DEUS MÃE

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!
Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos
debaixo das asas, e vós não o quisestes! (Mt 23:37)

Jesus, citado na bíblia como “o resplendor da glória e a expressão exata de Deus”, (Hb 1.3) nessa passagem bíblica comparou-se a uma galinha, se estudarmos sobre o reino animal veremos que esse animal é conhecido por adotar e cuidar de outros animais como se fossem seus filhos.

Para muitos existe um bloqueio em imaginar Deus sobre uma perspectiva feminina. Afinal, em um senso comum, Deus nos é apresentado como um Pai. E isso é resultado de uma cultura paternalista. Possivelmente a decisão de Deus em revelar-se à humanidade como Jesus, tenha sido pensada através desta visão cultural: nasceu como homem, viveu como homem, morreu como homem. E Jesus representou essa imagem paterna de Deus, quando disse: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10.30). Jesus se referiu ao templo como “casa de meu Pai. Jesus referia-se a Deus como “Aba”, que significa pai querido.

“Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta.

Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?” (Jo 14.8-10).

Mas Jesus, ao falar da vida eterna, diz que no céu, não haverá divisão pautada pela sexualidade: “Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu” (Mt:22.30)

Concluo a compreensão, que assim como nunca existiu para os anjos, e que não virá existir para nós, a divisão entre ser do sexo feminino ou masculino não tem relevância para Deus, e que em Cristo, não há homem nem mulher, porque somos um só corpo (G 3.28).

Deus é o “EU SOU”, que é a noção de um ser superior que é um criador incriado. Mas quero trazer a compreensão de que o próprio Deus também se identifica e apresenta como Mãe. Quando Deus fala para Abraão que multiplicaria seus herdeiros “como as estrelas do céu”, Deus apresenta-se como El Shadai. Shadai é uma palavra oriunda do termo Shad, com significado de mama, seios fartos. Assim, Deus apresenta-se como uma mãe que amamenta seu filho. Aplicando o nome Shadai para a figura de Deus, a cultura hebraica mostra a possibilidade de ver Deus como mãe. O Deus que acompanha Abraão é Pai, mas, em certos momentos, também é mãe. Deus também se figura como uma águia.

“Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os seus filhotes, estende as asas e, tomando-os, os leva sobre elas, assim, os guio” (Dt 32.11,12).

E em um relato da fúria de Deus o/a é comparado/a com uma “ursa, roubada de seus filhos” (Os 13.8).

“Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti” (Is 49.15). Deus não é desempenha apenas o papel de um Pai de amor e de bondade; Deus também é Mãe.

4.6. MULHERES NA BÍBLIA

4.6.1. Maria Madalena

A imagem feminina da fé crista por muitos delimita-se a Maria mãe de Jesus e a figura de Maria Madalena, que por muitos é associada como uma ex-prostituta e um mulher do qual Jesus expulsou diversos demônios, porém Maria Madalena exerceu um papel de suma importância na Bíblia.

Embora seja apresentado no novo testamento que Jesus tinha 12 apóstolos, que eram seus amigos que o acompanhava em sua trajetória de fé, a bíblia relata que Maria Madalena e muitas outras mulheres acompanham Jesus nessa jornada, algumas delas, segundo o texto de Lucas 8, foram curadas de terríveis enfermidades e, outras, libertas de problemas espirituais assim como Maria Madalena, e esse trabalho prestado por elas a Jesus era o resultado de muita gratidão.

Existe um texto apócrifo chamado “O evangelho de Maria”, que não é possível estabelecer a data da redação, mas o manuscrito foi datado no início do século V e um fragmento grego do mesmo, em começo do século III. Este Evangelho, embora curto e fragmentado, contém elementos essenciais do agnosticismo cristão: apresenta-se a articulação entre o divino e o humano, procurando conservar a alteridade absoluta do divino a relação entre o material e o espiritual a discussão teológica e o papel do feminino no âmbito religioso, a nível prático e teórico. É interessante notar neste escrito a clara polêmica com o cristianismo autodenominado ortodoxo:

“Não imponham nenhuma regra salvo aquela da qual fui Testemunha. Não acrescentem leis às dadas pela Torá, para não ser escravos delas” (9,1-4).

E em 18,19-21: “Saíamos a anunciar o evangelho sem procurar estabelecer outras regras e leis, exceto aquela da qual ele foi testemunha”.

O relato mostra três personagens discutindo em pé de igualdade, uma delas mulher, que recebeu revelação direta do Salvador/Mestre e a transmite ao grupo de ouvintes masculinos, entre os quais um de muita autoridade, Pedro, um dos discípulos de Jesus. O texto diz: Pedro acrescentou:

“É possível que o ensinador tenha conversado desse modo com uma mulher acerca de segredos que nós ignoramos? Deveremos mudar nossos costumes e escutar todos essa mulher?”. Maria então desatou a chorar. Maria responde: “Pedro, meu irmão, o que tens na cabeça? Crês que eu sozinha imaginei tudo?”. Levi tomou a palavra: “Pedro, tu sempre foste um impulsivo, vejo agora que te assanhas contra a mulher, como fazem nossos adversários”. No entanto, se o nosso ensinador a fez digna, quem és tu para rechaçá-la? Seguramente o Mestre a conhece muito bem... Ele a amou mais do que a nós. Arrependemo-nos e nos tornemos o ser humano em sua inteireza; deixamo-lo lançar raízes em nós e crescer como Ele pediu. Portanto ao anunciar o Evangelho sem procurar estabelecer outras regras e outras leis afora a qual Ele foi o testemunho. Depois “que Levi pronunciou estas palavras, eles se puseram a caminho para anunciar o Evangelho.” (17,14-19; 18,1-4 e 7-12).

Em oposição a Pedro, Levi propõe assumir o ser humano em sua integridade: feminina ou masculina. Diz que Jesus apoiava essa integridade e que não é preciso acrescentar regras e/ou separações que ele não contempla nem ensina. Penso que talvez este apócrifo do qual nos ocupamos em analisar sejam de autoria feminina ou pertençam a círculos femininos com autoras e/ou transmissoras. Mas isto não impede que esta passagem do Evangelho em particular admita vários níveis de leitura, que enriquecem nossa informação sobre o lugar que a mulher ocupa em diferentes grupos cristãos.

O modo de Maria Madalena agir como líder incomodava os discípulos não somente porque estava exercendo a liderança, mas também porque ela estava indo contra a cultura local. Se não era permitido conversar com uma mulher na rua, quanto mais receber ensinamentos dela. Diante de tantos exemplos dados anteriormente sobre Liderança e Pastorado Feminino, dá-se destaque a Maria Madalena por ter ocupado um grande papel nos Evangelhos e contribuído para as mudanças significativas na atualidade em relação ao papel que a presença feminina representa e ocupa nas instituições religiosas. Maria Madalena foi e é uma das mulheres mais comentadas nos Evangelhos e destacou-se também por provar o seu

amor por Jesus com atos e atitudes além da época, mostrando-se o seu valor como uma das Apostolas no meio de uma cultura patriarcal. Madalena serviu-o principalmente nas horas sombrias de desprezo e dor, na dolorosa e humilhante cena da crucificação de Cristo, em meio à loucura do povo e da brutalidade dos executores de Jesus, apenas um apóstolo João acompanhou o horror da crucificação (João 19.25,26).

Os outros apóstolos, não estavam presentes, fugiram e negaram ser amigos de Cristo por medo, longe do calvário; abatidos, cheios de medo, abandonaram o campo de batalha. Além de João, estavam junto à cruz, Maria, mãe de Jesus e sua irmã, Maria casada com de Cléopas e Maria Madalena (v. 25). Madalena, no meio do tumulto e da confusão sofria com Maria, Mãe de Jesus, a dor das horas mais sombrias e terríveis da vida dele. Ali estavam os insultos, a gritaria, a blasfêmia, a zombaria, tudo contra Jesus. Era a fibra dessas mulheres, como também do apóstolo, a coragem e ousadia a prova incontestante de seu amor por Jesus que os fez permanecer. Em Mateus 27.61 é dito que “achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e as outras Marias”. A outra era Maria, mãe de Tiago e de José, conforme a informação de Marcos 15.47, as duas Maria sentaram-se indicando que permaneceram ali até que a então lei do sábado as fizesse sair. Maria Madalena tinha por Jesus um grande amor e uma profunda gratidão, sua permanência diante do sepulcro do Salvador indicava seu zelo pelo corpo de Jesus, seu cuidado para que não o roubassem nem o dilacerassem. Jesus vivo foi a bandeira erguida por uma mulher – Maria Madalena, ela foi a primeira a vê-lo ressuscitar. E a incumbência lhe foi dada pelo Senhor naquele domingo. Maria Madalena estava chorando na entrada do sepulcro, quando se curvou para enxergar dentro do sepulcro avistou dois anjos que vestiam roupas brancas sentados onde antes estava o corpo de Jesus. Os anjos lhe perguntaram:

"Mulher, por que você está chorando?" Maria responde "Levaram embora Jesus e não sei onde o colocaram".

Em seguida Maria volta para onde estava e encontra Jesus vivo, mas não o reconheceu.

Jesus diz: "Mulher, por que está chorando? A Quem você procura?" Maria pensa ser o jardineiro e diz: "Se o senhor o levou embora, diga-me onde colocou o seu corpo, que eu vou buscar".

Jesus a chama pelo seu nome: "Maria!" e em aramaico ela fala: "Rabôni! " (que quer dizer Mestre).

E Jesus lhe ordena: "Não me segure, pois ainda não voltei para o Pai. Vá, porém, a meus irmãos e diga-lhes: Estou voltando para meu Deus e Deus de vocês".

E assim Maria Madalena fez, ela foi até aos discípulos e anunciou: "Eu vi Jesus!".
(João 20:11-18)

Nesse mesmo dia, algumas horas mais tarde, o Jesus vivo se encontrou com outras mulheres que seguiam o seu ministério:

“De repente, Jesus se encontrou com elas e disse: - Que a paz esteja com vocês! Elas chegaram perto dele, abraçaram os seus pés e o adoraram. Então Jesus disse: - Não tenham medo! Vão dizer aos meus irmãos para irem à Galileia, e eles me verão ali.”.
(Mateus 28.9,10)

“E elas proclamaram as Boas-Novas a Pedro e aos demais discípulos. Elas cumpriram tudo com amor e fidelidade.” (Atos 1.12-14)

Quando se reuniram para decidirem qual seria o substituto de Judas, a assembleia estava reunida, e as mulheres lá estavam. Quando a igreja, que se compunha de 120 pessoas, tiveram a experiência espiritual do Pentecostes com o Espírito Santo, todos estavam reunidos (2.1);

Por tanto, as mulheres também estavam presentes. (Atos 2).

Todos ficaram cheios do Espírito Santo, incluindo as mulheres (v. 4).

O trabalho destas abnegadas mulheres foi dos maiores e o apóstolo Paulo diz que “nenhum trabalho é vão no Senhor, essas mulheres receberão o prêmio do seu maravilhoso trabalho.” (1 Coríntios 15)

Chego à conclusão que neste fato a mulher encontra o suporte necessário para a pregação do Evangelho adentrando em lugares até então reservados à cúpula masculina, onde Jesus autoriza Maria a pregar a maior mensagem de todos os tempos ao mundo – inclusive aos seus discípulos, que é a ressurreição de Jesus.

O fato que possivelmente possa ser o gerador de construções fantasiosas e desrespeitosas a respeito de Maria Madalena, é que ela aparece como uma mulher solo, sem ser representada como filha, nem esposa ou mesmo irmã de nenhum homem. E essa autonomia feminina em uma sociedade dominada por homens gera incomodo. Qual a diferença entre uma mulher apresentada pelo seu pai, irmãos, família ou esposo e uma mulher independente? Qual a diferença entre uma mulher casada ou solteira? Para saber o valor de uma mulher não há necessidade de intermediários, entretanto temos que nos dispor de um grande caráter que denuncie ou anuncie quem somos. Maria Madalena era uma mulher de

caráter desconhecido para o seu momento (tempo) por isso foi e é discutida através dos tempos, ela não aceitava o engessamento de uma sociedade sexista, que dita às regras e estas têm que serem cumpridas. Madalena queria ser reconhecida pela sua personalidade de mulher capaz e não por sombras masculinas ou familiares. E todas as outras Marias citadas no Evangelhos são relatadas com suas famílias: Maria como a mãe de Jesus e antes como noiva de José; Maria esposa de Cléofas; Maria irmã de Marta que são irmãs de Lázaro, um amigo de Jesus. Em uma livre interpretação afirmo que Maria estava cansada dessa subordinação sobre as mulheres e dos maus tratos por elas aceitados socialmente, penso que Maria tinha uma mente aberta e a mesma concepção do Apóstolo Paulo em Gálatas 3.28 que diz: “Em Jesus não há judeu nem grego, nem macho nem fêmea, nem homem e nem mulher”. Maria era dotada de um espírito livre e voluntário e lutava por seu espaço, sendo visto que lutou e alcançou, e não só isso, mas abriu o caminho e a percepção para outras mulheres que desejam independência, Maria conquistou um exemplo extraordinário em que até o Mestre Jesus ao ressurgir mostrou-se antes de tudo a ela dando-lhe a responsabilidade de anunciar que ele havia ressuscitado. (Mc. 16.9-10). Compreendo assim que Maria Madalena estava ali porque era livre, não concordava em viver debaixo do jugo de ninguém.

Com isso percebo que lutar por independência leva o homem e a mulher a cumprir em suas vidas o propósito do Mestre Jesus que veio ao mundo para libertar os humanos da ignorância. É necessário ver que o povo que acredita em Deus precisa se compreender como um povo livre. Tendo a liberdade para seguir a Jesus não implica na pessoa ser “casado ou solteiro”, pois o mesmo chamou a todos, independente de gênero, sexualidade, raça, estado civil ou idade para segui-lo sem impor condições civis.

O Antigo Testamento, que é um livro bíblico utilizado por cristão e judeus, onde afirma que Deus criou o homem e a mulher a sua imagem e semelhança, logo não existiria razão para o homem e a mulher serem vistos de forma diferente por Deus, e acreditar que para Deus as mulheres tem uma importância menor que os homens, chega ser a negação da própria fé cristã, pois a própria passagem citada afirma equidade entre os dois gêneros. Considero que com isso torna-se possível um dialogo entre os costumes religiosos/sociais e o que de fato a Bíblia expressa sobre a imagem e o papel da mulher.

4.6.2. As Parteiras do Egito

Depois de apresentar uma reflexão crítica a respeito de Maria Madalena, quero discorrer brevemente sobre duas personagens apresentadas no Antigo Testamento. que são

desconhecidas, Sifrá e Puá, parteiras que viviam no Egito quando os Israelitas:Judeus eram escravizados por Faraó.

No Livro de Êxodo 1 fala que Sifrá e Puá eram parteiras hebreias a serviço de Faraó, ordenadas por ele a eliminar os recém-nascidos de sexo masculino gerados pelas judias. Ordem que mostra a preocupação do Rei pela força potencial do povo judeu, em se multiplicar e tornar-se uma ameaça física e bélica, compreendendo assim que para Faraó os bebês do sexo feminino seriam frágeis, não construiriam ameaças.

“As parteiras, porém, temeram a Deus e não fizeram como lhes ordenara o rei do Egito; antes, deixaram viver os meninos.” (Ex 1.17).

Sifrá e Puá se contrapuseram a ordenancia do Rei tendo astucia, inteligencia e estratégica, ao fingir que os filhos das Israelitas nasciam antes mesmo delas chegarem no parto. A função de uma parteira é auxiliar as mulheres a darem a luz aos seus filhos, de forma segura e saudável, a ordem de Faraó vai totalmente contra a política profissional dessas mulheres, possivelmente essas mulheres tiveram um alto conflito interior, o medo por desobedecerem um ordem superior, porem um incomodo maior em serem obrigadas a trazer a morte para o que elas ajudavam na promoção de vida. A coragem dessas mulheres em seguir o que acreditavam mesmo pondo suas vidas em risco me propicia a dialogar com a perspectiva da educação e da reprodução do saber e de como muitas vezes nos rendemos as forças culturais. Vez ou outra somos surpreendidas por retrocessos que ainda que sejam em uma escala mínima possuem um perigo potencial.

4.6.3. Debora e Jael

A Biblia relata, no livro de Juizes, que no Antigo Testamento as tribos de Israel seguiam em luta pela conquista definitiva de Canaã. As antigas nações canaanitas, não ofereciam apenas resistência à essa expansão como também mantiam as duas aldeias israelitas sob forte tirania. Além de receberem ajuda bélica de impérios distantes, que não viam como algo favorável o fortalecimento dos israelitas.

Segundo a Bíblia, foi dentro desse contexto, que os cananeus iniciaram um ataque contra os israelitas. Um exército com 900 carros de guerra que estavam sob o comando de um general chamado Sisera. Na mesma época uma israelita chamada Débora desempenhada o papel de Juíza, que era designado aos líderes e que acumulavam as funções religiosas,

políticas e militares. Foi Debora quem organizou a resistência e planejou o contra-ataque ao general Sisera. Débora convocou o guerreiro Barac e cerca de 10 mil soldados, ela de forma estratégica levou os cananeus para uma região de pântano, por saber que esse ambiente não seria propício ao inimigo que dispunha de grande poder de carruagens. Ao mesmo tempo, pensou em atacá-los pela retaguarda. Seu inimigo fugiu da batalha e o exército inimigo foi trucidado pelo exército de Debora. Mostrando que embora Debora esteja dentro de um contexto bíblico, as mulheres da sua sociedade, uma sociedade tribal, exerciam a sua força e sua projeção era mais aberta que no mundo patriarcal da monarquia.

A Bíblia apresenta dois capítulos em dedicação a desenvoltura de Débora, um deles apresenta a batalha contra os cananeus e o outro capítulo é o cântico de guerra que Debora teria feito. Visto que Barac é narrado como um comandante, do qual Debora convoca para a guerra, o seu papel é de coadjuvante nessa batalha, pois a ação militar ficou praticamente por completo nas mãos de Débora, e embora a história enfatiza esse fato, o cântico de Debora que é uma poesia ou possivelmente uma música de guerra em muitos sermões religiosos, isso quando ela é citada, sua canção toma mais enfoque que seu ato de bravura, podendo assim fazer uma analogia sobre Débora e o personagem do Rei Davi, que escreveu todo o livro de Salmos que também são cânticos, mas ele nunca é identificado apenas como cantor.

Debora manda que chamem o Guerreiro Barac e lhe diz :“O Senhor Deus lhe ordena que junte dez mil soldados das tribos de Naftali e Zebulom e sigam até o monte Tabor. Ele fará que Sisera, que era o comandante do exército inimigo, siga vocês para ataque com os seus carros de guerra, isso no Rio Quisom.

Porém, Barac responde: “Se você for comigo Debora, então eu irei; mas, se você não for, também não irei.”

Debora respondeu: “Está bem, irei com você, mais saiba que a honra dessa batalha não será sua, o Senhor entregará Sisera as mãos de uma mulher.” (Juizes 4:9)

Barac sob ordem de Debora, perseguiu exército inimigo até Haroset-Hagoim, e todo o exército de Sisera entrou em batalha; não sobrando nenhum soldado cananeu. O comandante Sisera foge do cenário de batalha a pé até que encontra a tenda de uma mulher chamada Jael.

Sisera ao avistar a mulher aceita refugiar-se em sua tenda, e ordena a ela: “Fique à entrada da tenda. Se alguém passar e perguntar se há alguém aqui, responda que não.”

Sisera bebe um pouco de leite e segue para dormir enquanto Jael faz o que lhe foi ordenado.

Porém, Jael adquire uma estaca da própria tenda em que vive e um martelo, aproxima-se de Sisera e crava-lhe à estaca na têmpora até penetrar o chão, e assim ele morre.

Barac passa a procura de Sisera e Jael sai ao seu encontro e diz: “Venha, eu lhe entregarei o corpo do homem que você está procurando.” (Juize 4:16-22)

Debora foi de suma importância para inspirar coragem ao seu povo, que se encontravam acovardados pelo terror em ter que enfrentar o seu inimigo que dispusera de 900 carros de ferro. E mesmo com sua tribo sofrida pela influência da tirania Cananea, com coragem e determinação Debora soube dirigir o seu povo como uma líder militar iniciando a libertação do seu povo.

O rio Quishon, enchia-se de forma muito rápida com chuva, quando esse rio se encontrava cheio apresentava grandes perigos, por todo o seu percurso. Na parte superior do monte Tabor, Barak posiciona-se com seus dez mil soldados, pobremente armados, se comparado ao exército de Sisera. Eles viam os movimentos do inimigo, atravessando a planície em direção do sul em filas infindáveis. Humanamente parecia loucura atravessar um exército onde carros que ocupavam terrenos livres para se movimentar e que apresentavam um número incrivelmente maior de guerreiros, mas Barak acatou a ordem de Debora, de descer do monte e atacar o que resultou na fuga de boa parte do exército inimigo. Com olhar atento Debora observava as manobras do exército inimigo ela estava ao sudeste do monte Tabor, que era onde Barak estava com seu exército, Debora de forma atenta aguardava até o momento quem que o rio ficasse cheio. Quando os Cananeus se recolheram à noite, Debora transmitiu suas ordens a Barak e os soldados para abandonarem o local “seguro”, porém inútil onde eles estavam, que era o topo da montanha Tabor. Assim eles atravessaram os declives evitando os locais pantanosos e aproveitando que os Cananeus estava adormecidos, Barak, como um raio, desce em grande velocidade sobre os inimigos desprevidos acompanhado de uma forte tempestade.

Assim eles travessaram os declives evitando os locais pantanosos e aproveitando que os Cananeus estavam adormecidos, Barac, como um raio, desce em grande velocidade sobre os inimigos desprevidos, acompanhado de uma forte tempestade de chuva os atacou com bastante fúria. A batalha resulta na derrota dos Cananeus. O rio Quiishon expandiu o fluxo por conta da tempestade e os carros do exército inimigo foram submersos no pântano. Derrota esta, que levou Sisera a fugir e ter seu fim pelas mãos de Jael.

Em geral, fomos acostumadas a consumir histórias de guerras contadas sob a narrativa no masculino, os meios de entretenimento durante séculos reproduzem esse tipo de conteúdo quase que exclusivamente com homens nas frentes de batalhas, e a presença feminina costumava esta associada ao papel de cuidado como as enfermeiras, as donas de casa e namoradas sofrendo e esperando pela volta dos seus heróis. Embora a imagem de Debora e de Jael possa ser interpretada como força e coragem, em uma interpretação livre e sob a ótica dos Estudos de Gênero e Diversidade, ao tratar da temática de sexismo, percebo a existência das relações e opressões de gênero na medida em que Barak se recusa a ir em batalha julgando que Debora não teria noção sobre o risco dessa batalha, e indo apenas sob a condição de que ela também fosse, acredito que essa condição foi posta por ele para desacreditar que ela tivesse coragem de ir junto com ele na batalha.

Barak estava acostumado com grandes guerras e percebia que a vitória sobre essa era quase impossível, a passagem bíblica informa que ele estava apavorado, o que traz à figura masculina uma quebra do estereótipo de força absoluta inclusive para um comandante de batalha. Não penso que Barak agiu com desrespeito para com Débora, já que hierarquicamente o papel exercido por Debora era superior ao de Barak, no entanto nos outros relatos bíblicos a figura feminina não se faz presente nas guerras, ao menos não está exposta nas narrativas, com isso imagino que a condição que Barak impôs veio como uma forma de intrigar Débora, de fazer ela entender que aquela ordenança não era favorável ao seu povo, como se ela não soubesse sobre o que estava falando. Porém Débora não hesita em enfrentar Sisera e seus soldados, e o texto ainda relata que toda ordenança de ataque e contra-ataque foi comandada por ela, que soube de forma atenta e precisa comandar os 10 mil soldados para a destruição dos guerreiros inimigos.

Quando chegamos ao final da história, percebemos também mais uma abordagem de opressão de gênero, o comandante Sisera aceita refugiar-se em uma tenda de posse de uma mulher por ele desconhecida chamada Jael, e embora a Bíblia informe que o comandante estivesse fadigado, exausto, questiono-me de que se a presença fosse de outro homem Sisera sentiria-se seguro ao ponto de ir dormir nesse lugar logo após uma batalha tão violenta na qual ele era o perdedor. A história conta que Jael esperou que Sisera caísse em um sono profundo, para poder mata-lo cravando-lhe uma estaca em suas temporais. A história diz que o golpe foi tão grande, que a estaca cravou na terra (Juízes 4:21). Jael segue após o assassinato em direção de Barak que estava a procura de Sisera, ela mostra o corpo do comandante, e em seguida Jael é homenageada por Débora como a verdadeira heroína da batalha.

Trago com isso a compreensão de que gênero é um elemento constituído por meio das relações culturais/sociais, que excedem as imposições da perspectiva biológica, vindo as pressuposição do binarismo que costuma estabelecer as relações de poder, caracterizando diferenças entre homens e mulheres, considerando a figura feminina como algo frágil e submisso, enquanto os homens são carregados dos estigmas de força, dominação e coragem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trago através desse desenvolvimento textual a proposta de levantarmos o questionamento sobre a possibilidade de inserir as ideias feministas e de estudo de gênero sobre a observância e vivência da fé cristã. Opto por uma apresentação que possibilita o conhecimento da construção de um percurso dos estudos da Teologia Feminista, percorrendo alguns fatores históricos que abraçam causas e ações feministas dentro de um contexto religioso.

Em tempos que é muito comum ouvir críticas feministas à cultura cristã e seu caráter supostamente repressor e conversador, assim como crítica cristã ao impulsionamento libertador do feminismo, é preciso resgatar historicamente esse importante fio condutor que atravessam séculos. Compreendendo que o feminismo apresenta-se em diferentes camadas e vertentes, e que nem todas as mulheres irão se interessar em uma revolução feminista à moda classista ou radical, mas penso que as mulheres dos movimentos sufragistas e do movimento da temperança podem ser uma alternativa de inspiração para as discussões de gênero no contexto conservador.

Sabendo dos fatores limitadores, atualmente vivemos em um cenário político onde o conservadorismo se expande e a doutrina patriarcal religiosa se fortalece, logo os impasses de diálogo entre o feminismo e mulheres cristãs tendem a se distanciar gradativamente, penso que a implementação do feminismo no cristianismo precisa ser vinculado ao método histórico-crítico, trazendo uma noção de interpretação bíblica feminina para a progressão cristã, o que tem provocado de fato uma ruptura de algumas mulheres com o sentimento de inadequação e incapacidade no meio religioso.

Redescobrir raízes feministas ligadas a mulheres no contexto cristão pode ajudar a desfazer estereótipos e conquistar espaços de diálogo entre mulheres conservadoras, motivando mulheres religiosas na luta contra o machismo, violência doméstica, superestrutura religiosa masculina e opressora sem abrir mão da sua própria fé. Nenhuma mulher precisa se

declarar como cristã e nem como feminista, embora eu discorde, talvez não seja necessário que alguém tenha uma escolha religiosa ou política, porém as duas linhas ideológicas possuem conteúdo suficiente adequado para garantir para as mulheres uma vida de valores e motivações de engajamento em seu contexto social, o que vejo como necessário é que as mulheres redescubram suas histórias que tem sido enxergada por uma ótica masculina e interpretada de forma incompleta ou distorcida.

Portanto, posso assim falar que das principais inquietações para essa abordagem que trago vem do questionamento da possibilidade real de uma mudança favorável para as mulheres do campo religioso. Almejo que nós mulheres possamos nós despertar para novas formas de relação com o sagrado, pretendo promover debates que para muitas mulheres é desconhecido, por estarem inseridas numa cultura religiosa cristã opressora que fortalece e legitima a omissão, o silêncio, o pudor e o tabu. Mesmo que de forma desconfortável, pois impulsionaria essas mulheres a saírem do seu lugar de conforto, acredito que esse despertamento as ajudasse a desprendessem de tradições milenares. Porém, compreendo que seja o melhor caminho para gradativamente entender a trajetória de vida e dos pensamentos de Jesus que simplificou sua lei na prática do amor, mostrando que esse amor seria uma tarefa com conquista por meio de muita luta contra as injustiças sociais e culturas, porém Jesus defende que a principalmente luta é contra nós mesmos e nossos pensamentos.

Portanto, trazendo ao nosso tema com uma livre interpretação, penso que essa luta proposta por Jesus caso fosse referenciada ao feminismo seria no sentido de o movimento político abrir mão do seu orgulho academicista e validar a luta de mulheres que não fazem parte da sua compreensão enquanto roll de pensadoras intelectuais. E referindo-se para a construção feminina religiosa um alerta gritante para o abandono da “preguiça” pela busca por conhecimento, que é o que resulta na aceitação de doutrinas machistas que desvalida sua liberdade enquanto mulher dentro do contexto de fé.

Considero importante a abordagem da Teologia Feminista, pois esta contribui com a revisão do lugar de fala da mulher dentro da religião, sabendo que embora minha abordagem seja voltada a fé Cristã, a Teologia Feminista pode ser desenvolvida em cima de qualquer vertente religiosa, propondo que esta tenha consciência da importância de compreender como é retratada a imagem da mulher dentro dessa esfera e de como esse olhar influí nas relações dentro dessa comunidade e também fora dela, além de que se faz necessária a percepção da importância da fala feminina e da ação de forma livre e espontânea desse gênero.

Trago reflexões sobre estudos bíblicos pois são esses que muitas vezes são utilizados como argumento para perpetuar o sexismo dentro das igrejas. É de extrema força a

naturalização da subordinação feminina nos espaços religiosos tradicionais, a narrativa de suportar a dor e o sofrimento, a narrativa do perdão, por muitos podem ser usados como instrumento de indução mental a tolerar abusos psicológicos, físicos e sexuais cometidos contra as mulheres, sendo que ao interpretar o sacrifício de Jesus na Cruz compreendo que sua morte foi proposital para que todos fossem livres e tivessem acesso de forma pessoal e direta a Deus, como uma relação que temos com um amigo com quem podemos conversar, desabafar e receber amor. Logo o sacrifício de Jesus não deve ser usado como justificativa para que aqueles que nele crê vivam de forma subalterna ao sofrimento e a degradação humana.

Vejo os ambientes de aconselhamento religioso onde muitas mulheres são instruídas a liberarem o perdão aos seus companheiros como um espaço tão violento, agressor e criminoso quanto o próprio algoz. Concordo com um trabalho com essas mulheres com uma ótica de liberação de perdão, mas sem indução a reconciliação do relacionamento e com uma construção da consciência sobre a violência doméstica e medidas cabíveis de justiça reparadora, penso que seria um ponta pé inicial de extrema importância na mudança da estrutura religiosa, tornando assim um local de real segurança.

Achei importante também trazer nomes de mulheres que atuaram no enfrentamento social e que exerciam a fé crista, como as mulheres da comunidade Quakers e as mulheres que participaram do Movimento Temperança, assim como as próprias Teólogas Feministas que desenvolveram estudos importantes que possibilitaram a abertura do olhar sobre a leitura Bíblica. Quis falar sobre Débora e Jael, pois vejo em suas histórias a quebra da síndrome de “princesismo” que a religião determina ao gênero feminino. A construção educacional religiosa agrega papéis de gênero muito limitantes as mulheres, visando essas como cuidadoras, castas, meigas, educadas, passivas dentre outros adjetivos; e podemos lembrar que em janeiro do ano de 2019 a líder religiosa cristã Damares Regina Alves, eleita Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos em seu discurso de posse declarou que:

“É uma nova era no Brasil: menina será princesa e menino será príncipe.”

“E logo depois circulou na internet um vídeo onde ela afirma que:

menino veste azul e menina veste rosa.”

Reforçando assim um discurso de desqualificação de toda luta pelo direito a diferença em um país tão desigual e violento, o que nos impulsiona a diversos debates acerca do binarismo de gênero e sexualidade que é sim de suma importância dentro e fora do ambiente acadêmico e escolar, assim como nos espaços políticos e defendo que também nos espaços

religiosos. Porém, nos relatos que a Bíblia traz sobre o comportamento de Débora e Jael, percebo a presença de duas mulheres com posicionamento de guerreiras e não de princesas, duas mulheres que não esperaram a autorização de homens para tomarem atitudes de coragem e força, duas mulheres que se encontram em um cenário de batalha e de violência e que não é retratado o medo e sim ação de determinismo e vitória.

Se socialmente nós, mulheres, somos tidas como sexo frágil, dentro do contexto religioso esse estigma é ainda maior. A mentalidade de mulheres e de homens cristãos que se vertem ao conservadorismo, que é um movimento que diz importar-se com a família, valores cristãos e patriotismo, produz um público religioso retrogrado e obscurantista que atualmente apoiam um governo totalmente distante da lógica de posicionamento e de vida pregada por Jesus Cristo que tratava sobre o amor ao próximo e justiça social. O que mais me preocupa, enquanto mulher cristã, feminista e aspirante a pesquisadora e analista dos estudos de Gênero e Diversidade é perceber que boa parte dessas pessoas que se alto declaram como cristãos e conservadores, tratam-se de pessoas “ignorantes” sem acesso básico a educação e assim servem como fomento de massa de manobra como força propulsora da revolução, e se olharmos para traz esse cenário já esteve na história da humanidade, foi através do discurso que a democracia era desestabilizadora, foi através da simpatia pelas forças políticas em um Estado autoritário que o Nazismo iniciado como base religiosa passou a assumir um caráter racial que levou a população a comprar a ideia de que confinar e matar judeus, ciganos e outras raças, seria uma medida de saneamento, assim como exterminar ratos e bactérias. (SKLARZ, Eduardo, Nazismo: como ele pôde acontecer? Superinteressante, 2014.)

Penso que falta uma educação política desvinculada de uma opressão religiosa e também falta uma compreensão e iluminação a respeito da mensagem do Evangelho para as massas, do Evangelho para aqueles que se compreendem como Cristãos, pois os aspectos políticos representados pela vida de Jesus mostra-o como um indivíduo revolucionário, desassociado ao apego a riquezas, companheiro das classes excluídas e combatente dessas mazelas, que foi um preso político visto como um criminoso pelos cidadãos de bem de sua época e que em uma de suas fala mostrou-se contra a influência e mistura do poder que a religião tem e de como levemente conseguia influir nos aspectos políticos e econômicos da sua época.

“Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.” (Mateus 22:21)

Portanto a influência da religião nas decisões e nas atuações políticas é um posicionamento já denunciado por Jesus, e no Brasil a elite religiosa, seja Católica ou Evangélica se beneficiou e se beneficia ainda hoje com o poder decisório sobre a liberdade de opinião popular determinando quais papéis cabem a homens e mulheres na vida pública, privada e religiosa, e nisso o feminismo mostra-se como um elemento combatente as subordinações mostrando estratégias não binárias ao defender que nos mulheres temos direito de escolha e enquanto cristã vejo na Teologia Feminista um poder emancipatório no alcance de mulheres onde o diálogo feminista acadêmico e muitas vezes demonizado não consegue chegar.

REFERENCIAS

AZEVEDO, J. **Marias**. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

BADINTER, E. **Um amor conquistador: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, S.D. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Vol 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CHAUÍ, M. **Repressão Sexual: essa nossa (desconhecida)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

FIORINZA, E.S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GLORIA, D.C, M. **O interdito do ideal da nação: a lesbiana existe para a literatura brasileira? Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, núm. 32, 2008, pp. 60. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

HAGUETTE, T. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petropolis. Vozes, 1995.

HEWITT, N.A. Feminist Friends: Agrarian Quakers and the Emergence of Woman's Rights in America. **Feminist Studies**. 12.1, 1986.

GUERRA, I. "Polemicas e Modelos para uma Sociedade de Intervenção", **Cadernos de Estudos Africanos**, 4 | 2003.

LARA, B. **#Meuamigosecreto: Feminismo além das redes**. Edições de Janeiro; 1ª edição 19 junho 2016.

LAURETIS, T.D.A. **Tecnologia de gênero**. Tradução de Suzana Fuck. In: HOLLANDA, Heloisa. (Org)

LOUKES, H. **The Quaker contribution**. Naperville: SCM Press, 1965.

MASSON, E.M. The Women 's Christian Temperance Union 1874-1898: Combating Domestic Violence. **William & Mary Journal of Women and the Law**. Vol 3, 1997. Disponível em: <<http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl/vol3/iss1/7>>. Acesso em: 21 Jun. 2024.

O feminismo evangélico: um novo caminho para o liberalismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

PAGLIA, Camille. **Mulheres livres. Homens livres.** Sexo, gênero & feminismo. Trad. de Pereira, Helder Moura. Lisboa: Quetzal Editora, 2018.

RUSSELL, LM & CLARKSON, SJ (Eds.). **Dicionário de teologias feministas.** Louisville: Westminster / John Knox Press, 1996.

SAKENFELD, K. D. Usos feministas de los materiales bíblicos in Letty M. Russell (ed.), **Interpretación feminista de la Biblia.** Bilbao: Desclée de Brouwer, 1995.

SCOTT, J.W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos.** Brasília, 1º edição, Appris, 16 de fevereiro de 2018.